

**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

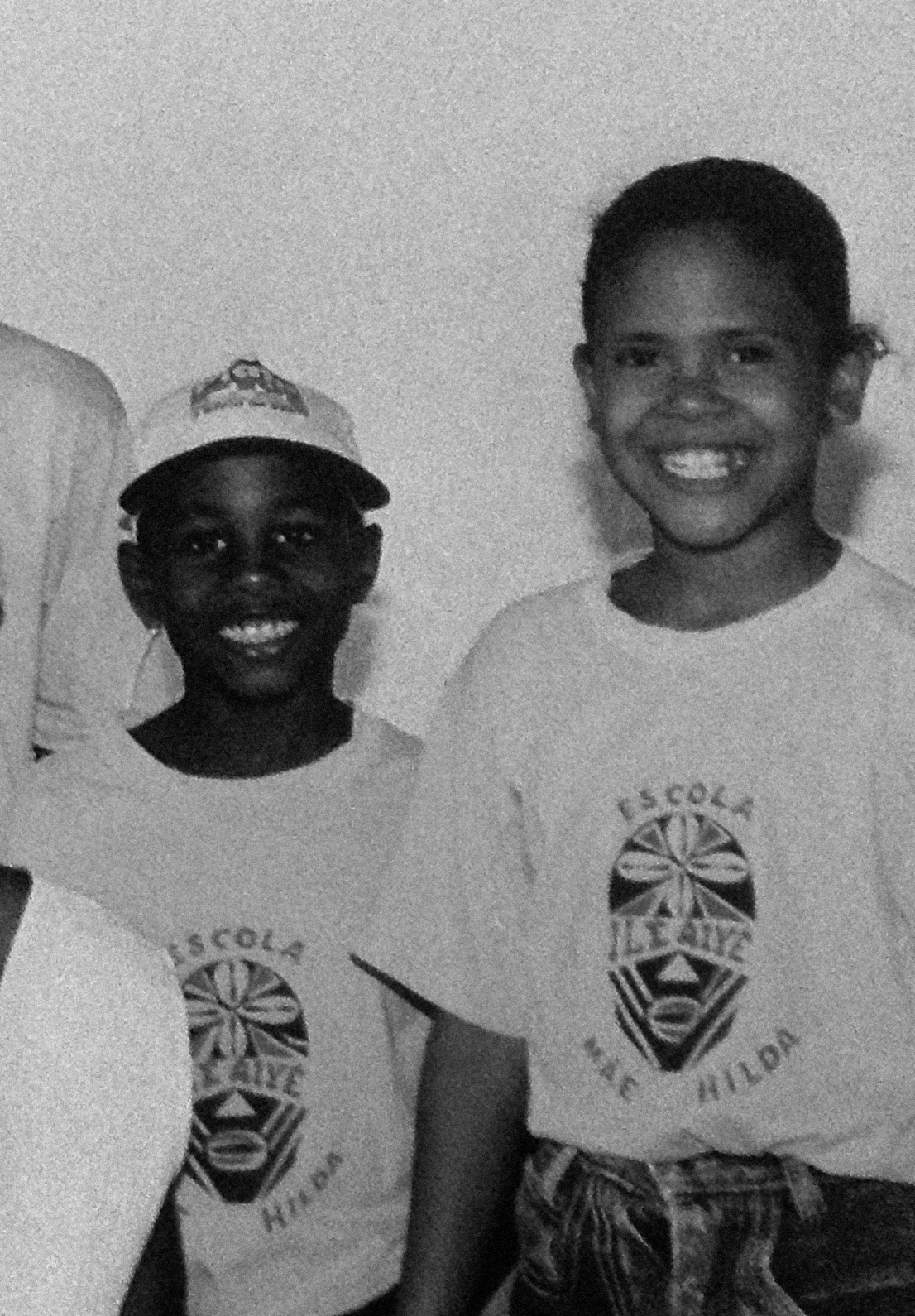
1995—2013

14

o negro e o poder







ESCOLA
ALE AYE
HILDA

ESCOLA
ALE AYE
HILDA

É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

MÃE HILDA JITOLU: GUARDIÃ DA FE E DA TRADIÇÃO AFRICANA

Maria de Lourdes Siqueira

ensaio

Introdução

Mãe Hilda Jitolu, nascida Hilda Dias dos Santos Jitolu, foi uma figura central na preservação e disseminação da fé e da tradição africana no Brasil. Como iyalorixá, sua liderança e sabedoria transcenderam gerações, influenciando não apenas sua família, mas também comunidades inteiras através de sua dedicação ao candomblé. Sua vida e obra refletem a resistência e a riqueza cultural da diáspora africana, consolidando-se como um pilar fundamental para a manutenção das tradições afro-brasileiras.

Primeiros anos e formação espiritual

Mãe Hilda cresceu em um ambiente profundamente enraizado nas tradições africanas. Desde cedo, ela testemunhou a fé e a generosidade de sua mãe, que sempre abriu as portas de sua casa para ajudar os necessitados. Essas experiências formaram a base do que seria sua vida dedicada ao serviço comunitário e à preservação das tradições religiosas africanas. Em suas palavras: “Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé. Minha casa sempre foi frequentada pelo que considero herança de minha mãe” (Siqueira, 1996, p. 3).

Ela foi iniciada no candomblé pelo Babalorixá Cassiano Manoel de Lima e continuou suas obrigações sob a orientação de Iyalorixá Constância da Rocha Pires, conhecida como Mãe Tança, no Terreiro Cacunda de Iaiá. Mãe Tança,

**O CANDOMBLÉ
SEMPRE FOI CASA
DE ENSINAMENTOS E
ESTA FUNÇÃO AGORA
PROSSEGUE COM AS
NOSSAS DIVERSAS
ESCOLAS**

descrita como uma mulher bondosa e generosa, passou seus conhecimentos e direitos religiosos para Mãe Hilda, permitindo que ela continuasse a tradição. Nas palavras de Mãe Hilda, “Mãe Tança era uma pessoa muito bondosa. Gostava de passar ‘as coisas’ para as pessoas, ela não era dessas que segurava, ela passava se a pessoa tinha direito. Mãe Tança tinha esse direito” (Siqueira, 1996, p. 5).

Criação do ilê axé jitolu

Em 1952, Mãe Hilda fundou o Terreiro Ilê Axé Jitolu, um marco na história do candomblé e da comunidade afro-brasileira. O terreiro, nascido de sua fé em Obaluayê, tornou-se um centro de resistência cultural e espiritual, celebrando festivais e rituais que atraíam pessoas de diversas origens e reforçavam a identidade afro-brasileira. “Eu tive de lutar para juntar dinheiro para fazer o Terreiro, fazer a casa. Assim nasceu o Ilê Axé Jitolu. Aí se considera nascimento. Nasceu um terreiro dia seis de agosto de 1952” (Siqueira, 1996, p. 7).

O Terreiro Ilê Axé Jitolu rapidamente se tornou um espaço de referência, não apenas para a prática religiosa, mas também para a promoção de atividades culturais e sociais. As festas e cerimônias organizadas no terreiro atraíam centenas de pessoas, contribuindo para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira. “Começamos com a festa de Obaluayê no dia 16 de agosto. No mês de setembro, prosseguimos com a festa do Caboclo Tupiassu. A gente celebra com muita garra, com muita animação, tudo a que ele tem direito” (Siqueira, 1996, p. 9).

Família e compromisso comunitário

Casada com Waldemar Benvindo dos Santos, Mãe Hilda

criou cinco filhos que se tornaram figuras proeminentes no cenário cultural e religioso brasileiro. Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, fundou o bloco afro Ilê Aiyê, enquanto Hildete Valdevina dos Santos Lima, ou Dete Lima, tornou-se diretora artística do Ilê Aiyê e vice-presidente do Instituto Mãe Hilda Jitolu. Outros filhos, como Vivaldo Benvindo dos Santos e Hildelice Benta dos Santos, também assumiram papéis importantes no Ilê Axé Jitolu e em iniciativas culturais e educacionais. “O Ilê Aiyê tem uma força e eu creio que essa força foi trazida pelo Axé do Orixá porque quando eu comecei a ter filhos, já tinha as minhas obrigações na minha cabeça, no meu corpo, então o meu primeiro filho já nasceu dentro do Axé” (Siqueira, 1996, p. 11).

O compromisso de Mãe Hilda com a comunidade ia além da família. Ela sempre acreditou na importância da educação e do desenvolvimento cultural para a emancipação do povo negro. Com esse objetivo, fundou uma escola de 1º grau que se tornou um modelo pedagógico para outras instituições da comunidade, oferecendo aulas de religião e teatro, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O terreiro é pequeno, mas já tem disciplina que é uma escola de minhas filhas de santo e para as crianças daqui. Carentes da nossa comunidade, acho que Deus me ajudou que o meu sonho foi realizado, eu fundei essa escola” (Siqueira, 1996, p. 13).

Impacto cultural e social

Mãe Hilda foi uma pioneira na articulação de tradições afro-brasileiras com a educação e a cultura popular. Ela fundou uma escola que virou uma referência educacional para os estudantes e toda a comunidade do bairro do Curuzu,

onde está a sede da instituição, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O candomblé sempre foi casa de ensinamentos e esta função agora prossegue com as nossas diversas escolas” (Siqueira, 1996, p. 15).

Além de seu trabalho na educação, Mãe Hilda teve um papel fundamental na criação do bloco afro Ilê Aiyê. Fundado em 1974, o Ilê Aiyê tornou-se um símbolo de resistência e valorização da cultura negra. “O Ilê surgiu em 1974. 1975 foi o primeiro ano que ele foi para a rua, mas antes dele sair, porque ele surgiu numa Casa de Candomblé consultando os orixás, achei que era muitos negros juntos [...] Achei que era necessário que se fizesse alguma coisa por parte do Axé para pedir proteção para esse povo” (Siqueira, 1996, p. 17).

Mãe Hilda também foi uma das responsáveis pela criação do Grupo de Mulheres de Axé Dandarêrê, que abre alas nos desfiles do Ilê Aiyê representando ancestralidade, tradições culturais, religiosas e étnicas. Essas mulheres, guiadas pela força e proteção dos orixás, são um exemplo vivo do legado de Mãe Hilda.

Legado e reconhecimento

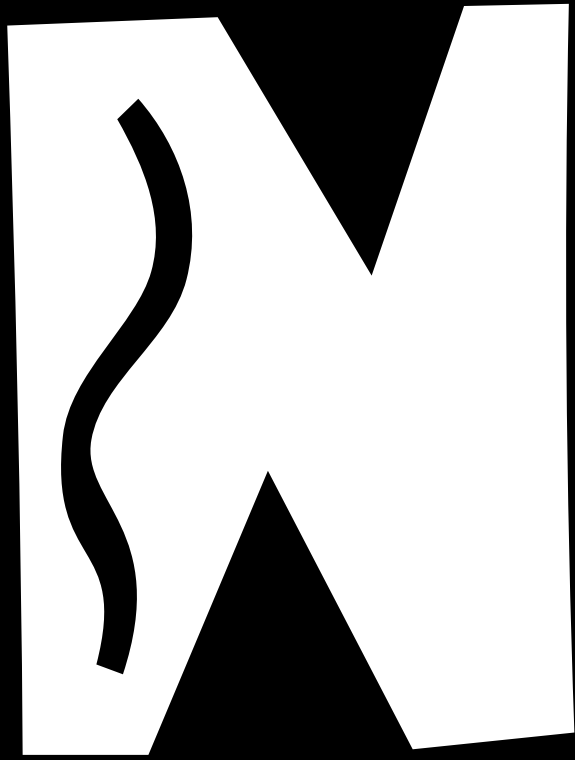
A fé inabalável de Mãe Hilda e sua dedicação à preservação das tradições africanas lhe renderam várias homenagens, - que fizeram jus à sua importância cultural e imaterial. Ela também foi imortalizada em músicas e recebeu tributos durante festivais e eventos culturais. A cidade de Salvador reconheceu seu trabalho, conferindo-lhe honrarias como a Chave da Cidade e a Medalha 2 de Julho, entre outros. “Mãe Hilda recebeu homenagens da 2ª série da Escola Mãe Hilda e de compositores do Ilê Aiyê. Que as Mães Pretas

do Brasil sejam parecidas com Mãe Hilda. Nos acaltem, nos acolham, nos aconselhem para sermos negros felizes” (Siqueira, 1996, p. 19).

Seu trabalho e legado transcenderam as fronteiras do terreiro, impactando a sociedade em geral. Ela participou de eventos importantes como o II Congresso Internacional dos Orixás, onde contribuiu para o diálogo entre a Igreja Católica e as religiões afro-brasileiras. Além disso, Mãe Hilda sempre esteve presente em celebrações religiosas de outras denominações, demonstrando seu respeito e abertura para a diversidade religiosa.

Conclusão

O legado de Mãe Hilda Jitolu é uma herança viva que continua a inspirar e fortalecer a identidade afro-brasileira. Seu trabalho como guardiã da fé e da tradição africana é um testemunho de sua visão e dedicação, assegurando que as futuras gerações mantenham viva a chama da cultura e espiritualidade africanas no Brasil. Sua vida e obra são um exemplo de resistência e resiliência, refletindo a profundidade e a riqueza das tradições africanas que ela tanto prezou e preservou. Mãe Hilda continuará a ser lembrada e honrada por sua contribuição inestimável à cultura afro-brasileira.



sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	história do ilê aiyê
25	apresentação
28	se o poder é bom eu também quero o poder...
33	personalidades
99	atividades de fixação da aprendizagem
105	antologia de música negra do ilê aiyê

História do Ilê Aiyê

“Ilê Aiyê, que beleza mais bonita de ser ver, Ilê Aiyê!”

“Eu só quero ver o Ilê passar... passar por aqui!”

“Que bloco é esse? Eu quero saber!... É o mundo negro que viemos cantar para você!”

Estes versos já fazem parte da antologia poética musical baiana e brasileira que eternizou a história do bloco Ilê Aiyê. O Ilê Aiyê, primeiro bloco afro da Bahia, nasceu no Curuzu, Liberdade, bairro de maior população negra do país: mais de 600 mil habitantes. O bloco foi fundado em 1º de novembro de 1974 com o objetivo de preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira. O Ilê, ao longo de sua trajetória, vem homenageando países africanos, revoltas e personalidades negras que contribuíram fortemente para o processo de identidade étnica e para elevação da auto-estima do negro. O que o Ilê se impôs foi apropriar-se popularmente da História africana para trabalhar a construção da História do negro no Brasil. Com certeza, o movimento rítmico musical inventado na década de 1970 pelo Ilê Aiyê foi responsável pela revolução do Carnaval baiano. A partir desse movimento, a musicalidade do Carnaval da Bahia ganha novos ritmos oriundos da tradição africana. Com seus três mil associados, o Ilê hoje é patrimônio da cultura baiana e marco no processo de reafirmação do Carnaval da Bahia.

O espetáculo rítmico-musical e plástico que o bloco mostra no Carnaval arranca aplausos da população. Ir ao Carnaval e não ver o Ilê passar equivale a vir à Bahia e não ir a um Terreiro de Candomblé. Propondo seu trabalho político-educacional consciente, o Ilê se apresenta através de seleção temática de dança, da gestualidade e de códigos de linguagem. Ele permeia a transmissão do passado da ancestralidade africana com o contexto histórico-social do negro em condição de escravo no Brasil, com o cotidiano presente do negro baiano, além de trabalhar o caráter universal da questão negra. O Ilê retoma todas as formas expressadas na evolução dos movimentos de renascimento

negro-africano, negro-americano ou afro-americano, as decodifica para o contexto específico da realidade baiana, mas sem perder de vista a relação de identificação entre todos “os negros que se querem negros”, de qualquer parte do mundo, ressaltando sempre o caráter comum da origem ancestral. A Diretoria do Ilê ainda hoje afirma que o principal objetivo da organização é a “expansão da cultura de origem africana no Brasil” e tem perseguido este objetivo de formas várias. O Ilê tem presença marcante no Carnaval, onde temática, fantasia, canção e danças têm como referência exclusiva o negro.

- ◆ **Missão do Ilê Aiyê** A Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública e que tem como missão “preservar e expandir a cultura negra na sociedade, visando agregar todos os afro-descendentes na luta contra o racismo e suas mais diversas formas de discriminação, desenvolvendo projetos carnavalescos, político-culturais e educacionais, resgatando a auto-estima e elevando-a em níveis de consciência crítica. Tal missão vem sendo vivenciada através da arte e da cultura, principalmente ligadas à música e dança, e de ações educacionais formais e informais, voltadas prioritariamente para crianças e adolescentes da comunidade que está inserida no bairro do Curuzu, na Liberdade.
- ◆ **Projeto Educacional** A partir de 1995, o Ilê Aiyê, com o objetivo de sistematizar e socializar as práticas e produções educativas, consolida sua vocação educacional criando o Projeto de Extensão Pedagógica, vencendo

por duas vezes consecutivas o Prêmio Itaú-Unicef. A sistematização e a socialização dessas práticas se dá através das três escolas coordenadas pelo Ilê Aiyê: a Escola Mãe Hilda, a Escola de Música e Percussão Band'Erê e a Escola Profissionalizante. Esses grupos existem dentro da Entidade, tendo cada um objetivos específicos em sua área de atuação.

- ◆ **A Escola Profissionalizante** foi criada em 1997, com o do Governo do Estado da Bahia, através da SETRAS — Secretaria do Trabalho, Assistência e Esporte. A escola oferece cursos de confecção de sapatos, bolsas e acessórios de couro e tecidos, confecção de moda íntima, confecção de roupas, reciclagem para costureiras em máquinas industriais, informática básica, trançado, maquiagem e estética negra.
- ◆ **A Escola de Percussão, Canto e Dança Band'Erê**, criada no final da década de 1980 para renovar os quadros artísticos da Band'Aiyê, a partir de 1995 torna-se uma escola de formação integral para a cidadania dos alunos e alunas. Divididos em quatro grupos de 25, crianças e adolescentes recebem ensinamentos de História Afro-Brasileira, Interpretação e Linguagens, Ritmos Musicais, Canto, Dança e Saúde do Corpo. Assim como as demais atividades do Projeto de Extensão Pedagógica, o princípio norteador das suas atividades é a construção da cidadania por meio da identidade racial, do pensamento crítico e da auto-estima. Neste sentido, desenvolve-se em torno de três eixos: Educação Preventiva Integral, Etnicidade e Iniciação Profissional, cujos objetivos são:

- a) **Educação Preventiva Integral** Desenvolver no aluno noções críticas e comportamentais acerca de questões relativas a sexualidade, abuso de drogas, ISTS, higiene corporal, alimentação e outros, a partir de sua relação consigo, com o outro e com o meio.
 - b) **Etnicidade** Resgatar a historiografia afro-brasileira, no sentido da busca de consciência das diferenças étnicas, reafirmando os valores da africanidade na Diáspora.
 - c) **Iniciação Profissional** Oportunizar aos alunos a aproximação com a realidade profissional, musical e outras.
-
- ◆ **A Band'Erê e o Coral Erê** pertencem à ESCOLA DE MÚSICA E PERCUSSÃO BAND'ERÊ e foram criados a partir do Projeto de Extensão Pedagógica do ILÊ AIYÊ que, como as demais atividades, tem como princípio norteador a construção da cidadania, por meio da identidade racial, do pensamento crítico e da auto-estima. Neste sentido, desenvolve-se em torno de três eixos: Educação Preventiva Integral, Etnicidade e Iniciação Profissional.
 - ◆ **O Bloco Erê** tem como objetivo contribuir para a construção da identidade racial das crianças da Liberdade/Curuzu, no sentido de fazê-las conhecer e preservar os valores afro-brasileiros e, ao mesmo tempo, integrá-las à festividade do Carnaval. Através do Bloco Erê, as crianças desenvolvem a sua auto-estima enquanto negros, na medida em que dançam, cantam e vestem-se de acordo com a tradição afro. O Bloco desfilou no Carnaval de 2006 com 600 crianças acompanhadas pela Band'Erê.

- ◆ **O Festival Erê** é uma festa que congrega 1000 crianças e adolescentes da Liberdade e outras comunidades, comemorando o Dia da Criança como uma oportunidade de se confraternizar com seus pares, reafirmando aspectos da cultura afro-brasileira.
- ◆ **Histórico Escola Mãe Hilda** O Ilê Axé Jitolu é um Terreiro de Candomblé de nação Jêje nagô, comandada por Mãe Hilda dos Santos, que reside no Curuzu, Liberdade, desde o ano de 1938. Mãe Hilda acredita e afirma que um Terreiro de Candomblé é também uma escola, onde os iniciados aprendem a conviver na irmandade e solidariedade, aprendendo e vivenciando uma religião que não tem o registro escrito e sim a oralidade e o "aprender fazendo". O Terreiro não faz pregações itinerantes ou sermões em templos, mas não pode fechar a porta para aqueles que nela chegam. Foi nesse espaço, ou melhor, neste templo sagrado que nasceu o Ilê Aiyê, que, apesar de profano (por ser um bloco de Carnaval), herdou os fundamentos e princípios da religião do candomblé. Essa herança fez do Ilê uma entidade que tem a compreensão da dimensão da religião do Candomblé e absorveu dela valores e princípios básicos à convivência social, bem como o respeito aos mais velhos e o aproveitamento da simbologia para as suas canções, toques, adereços e figurinos sem ferir os fundamentos religiosos. Ao longo dos seus 32 anos, o Ilê Aiyê tem difundido e preservado a cultura africana e afro-baiana, ao tempo em que tem defendido o respeito às religiões. É sobre esse lastro que surge a Escola Mãe Hilda. Tudo começou entre 1988

e 1989, com pouco mais de cinco crianças que tinham dificuldades de aprendizagem. Suas mães buscaram a filha de Mãe Hilda para dar uma “banca”. Depois, surgiram outras crianças evadidas da rede pública com históricos de bi-repetência e indisciplina, que não queriam mais ficar na escola. E a notícia correu rápido: “as filhas de Mãe Hilda estavam ensinando e as crianças estavam aprendendo e tinham até mudado o comportamento”. Um ano depois, já não haviam cadeiras suficientes para acomodar as crianças. Mãe Hilda, que sempre alimentou o sonho de seu Terreiro ser um espaço de educação formal, encorajou-se e pediu ao Secretário de Educação da época (Dr. Edvaldo Boaventura) algumas carteiras e equipamentos (mesmo usados) para atender àquela clientela. O seu pedido fora atendido e a Escola começou a funcionar no “barracão” das festas sagradas, com duas professoras, no mesmo espaço, atendendo aos alunos de níveis diferenciados. Era uma classe “multiseriada”.

Alguns locais que já viram o Ilê passar...

1983/1984-Angola-1986 Benin (Daomé)-1991 Martínic-1992 Estados Unidos (Los Angeles, Santa Cruz, Oakland) - 1994 - Europa (Alemanha/Dinamarca) - 1995 - EUA (Miami)-1998-EUA (Spoleto Festival / Charleston/Carolina do Sul) - 1999 - Estados Unidos (Miami/New York/Washington)-1999- Europa (Portugal) - 2000 - EUA - New Orleans (Jazz Festival) - 2000 - Europa - Paris (percpan) 2000 Europa: Alemanha, França, Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, Suíça e Bélgica) - 2001 Europa (Itália & França) 2002-EUA - New York (Central Park Summer

Stage) e Washington DC - 2003- EUA- San Francisco - Ca
(Parada de San Francisco) - 2004-EUA- New York e Phila-
delfia (Carnival Caribe/Brazilian Day) 2004 Europa Espa-
nha (Forum Universal de las Culturas de Barcelona) - 2005
- Europa - Paris (Ano do Brasil na França).

O negro e o poder

(Nethio Benguela: "Hino do MNU", 1978.)

(...)

Na praça, palanque

Ecoa pelos ares

O grito da negrada

Zumbi não morreu

Ora viva Palmares!

Nossa luta unificada.

Há! que sabor deve ter

Um pedaço, espaço no poder.

E se poder é bom

Negro também quer o poder

Cantando em alto tom

Negro também quer o poder.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

O NEGRO E O PODER

*Estamos juntos neste movi-
mento / Para o povo negro então
viver melhor*

“O Movimento” de Dico e Jajai

apresentação

Já se vão 32 anos que rapazes e moças, no Curuzu, imbuídos do saudável propósito de produzir e usufruir do prazer, fundaram o bloco afro Ilê Aiyê. Este prazer passou a ser feito com novo interesse na medida em que fazer o Carnaval naquela época, numa cidade altamente segregacionista, com as avenidas da cidade reservadas, basicamente, para os blocos de brancos, estaria significando brigar por poder. Poder de exibir, através de corpos, indumentárias, ritmo, canto, dança e sentimentos a expressão cultural de origem africana. Foi uma briga boa e já demos grandes passos, com diversificados segmentos políticos, para a conquista definitiva do espaço que queremos neste país.

O tema “O NEGRO E O PODER”, para o Carnaval de 2006, foi mais uma investida ousada do Ilê como uma meta a ser atingida daqui para frente. O poder nesse país precisa ser compartilhado por todos aqueles que têm competência para tal, mas não é bem assim que acontece, todos sabemos.

Nesse volume 14, da série Caderno de Educação do PEP, você terá a oportunidade de constatar trajetórias de vida de negros e negras que galgaram o poder em vários campos do conhecimento. No campo religioso, político, militar, educacional,

no campo das artes, do empreendimento — enfim, em todas as fases da História brasileira e internacional temos dado testemunho da nossa capacidade e competência para administrar o poder.

Este tema contempla personalidades de diversas épocas e lugares. Desde Ganga Zumba, em Palmares, passando por líderes africanos, até as atuais lideranças negras brasileiras. Todos eles são exemplos que você, querido(a) leitor(a), com o seu talento, saberá preservar na memória do nosso povo para que assim, em nosso dia-a-dia, estejamos sempre perseguindo o direito de obter o poder que queremos e merecemos neste país.

Axé,

Salvador, maio de 2006.

Jônatas Conceição -

Coordenador do PEP do Ilê Aiyê.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

01

Se o poder é bom eu também quero o poder...

Jaime Sodré

O poder é a instância na qual o indivíduo, habilitado para tarefas de lideranças, exerce e realiza, com as suas virtudes, perseverança e carisma, os desejos de um determinado segmento que, dosado pela moldura da ética, encaminha propostas fundamentadas no campo do bem. Supõe-se que o poder poderia ser usado também na promoção de atos negativos, mas isso não seria o poder em mãos de um verdadeiro líder e, sim, obra de tiranos com os quais “[...] não combinam brasileiros, brasileiros corações[...]”. No âmbito da mitologia das divindades da tradição religiosa afro-brasileira, o poder está devidamente dividido, mantendo o equilíbrio, extrato majestoso de uma cosmovisão. Dentro desta possibilidade, destacamos o mito que explica como: “Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas”.

Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, nem profissão, arte ou missão. Um dia, Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham à sua casa. Ficaria ele ali e não deixaria passar quem não trouxesse uma oferenda. Assim, quem desejasse ir à casa de Oxalá, teria que pagar alguma coisa a Exu. O orixá trabalhava ali na encruzilhada, dia e noite, chovesse ou fizesse sol. Ganhou uma profissão, uma casa e ficou rico e poderoso. Ninguém poderia passar pela encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exu. Neste caso, Exu adquire o seu poder por merecimento e delegação, e não se tem notícias de que, em algum momento, este orixá rejeitasse a dádiva divina e poderosa, e afirmava: se o poder é bom, eu também quero.

Com o tema “O NEGRO E O PODER” idealizado para o Carnaval de 2006, o Ilê Aiyê estabelece um desejo profético,

como uma meta a ser percorrida pela comunidade negra, tendo em vista que o poder não deve ser entendido como patrimônio de um determinado grupo social e sim, compartilhado por muitos, reforçando o ambiente democrático.

O roteiro deste tema registra trajetórias de eminentes personalidades afro-brasileiras que galgaram o poder enfrentando desafios, já que vivermos numa sociedade excludente e de privilégios. A presença nos mais diversos campos da atividade humana de líderes negros e negras, produzem a prova cabal contra o mito de uma incapacidade congênita, hipótese fruto de uma visão preconceituosa.

São nos versos das canções, do tradicional concurso anual de música e de poesia do Ilê, que veremos a estratégia inteligente deste bloco para a difusão deste tema. Os compositores Marquinhos Marques, Jorge Garcia e Ed Junior chegaram ao primeiro lugar neste disputado concurso com a música “FORÇA AFRO-BRASILEIRA”. Recortamos alguns versos desta obra para ilustrarmos a presença de personalidades negras, símbolo de poder visível em nosso cotidiano:

“Iyalorixá maior Zeladora da crença, candomblé Mãe Hilda Jitolu, guerreira Mãe Stella de Oxossi, guerreira Arany a força da negra afro-brasileira Que amamentam os filhos na labuta Seu suor e sangue Mas não se rendem, mas não se vendem[...].”

É justo que os autores registrem, em primeiro lugar, as genuínas matrizes negras, mulheres detentoras de poder e generosidade. Mais adiante, dizem os autores:

“O Ilê Aiyê tem poder Se o poder é bom eu quero Vovô também tem poder[...].”

O nome do líder negro, Antônio Carlos dos Santos Vovô, é utilizado como licença poética para revelar uma homenagem especial aos mais diversos líderes afro-descendentes — prova da nossa capacidade de transformar o poder em algo utilizado para proporcionar a felicidade de muitos, corrigir injustiças e gerar auto-estima.

Os compositores Dico e Jajai, na música “O MOVIMENTO”, nos lembram que este tema tem como função primordial revelar a nossa capacidade de vencer, e dizem em letra e música:

“O Ilê Aiyê traz no seu tema o negro e o poder Para nos conscientizar que podemos vencer[...]”

Roberto Cruz, Jucka Maneiro e Sandoval em “AFIRMAÇÃO AO PODER” desenvolvem o processo histórico na nossa odisséia, dizendo:

“[...] Longa trajetória Descortinando a história Um marco de luta, um fato real Hoje somos referência, Negros em evidência Capacitados[...]”

E complementam, em uma listagem sintética, a notificação de alguns nomes — símbolos do exercício profícuo do poder:

“[...] Desde Gangazumba em Palmares
A Nelson Mandela
A afirmação do poder[...]”
Exemplo, igualdade pra vida
Pomba voa, paz na terra
Kofi Annan que o diga
Somos nós,
Celebidades negras vivas
Hilda Jitolu, Stella Oxóssi
Abdias, Inácio, Brito, Gil,

*Jaime Sodré é doutorando em História Social pela UFBA, mestre em Teo. e História da Arte, pela UFBA, escritor e educador do PEP do Ilê Aiyê.

Sacramento, Alberto, Gilmar, Olívia
Matilde, Marcelio, Neuza
Benedita, Edson Arantes Santana,
Veneranda, Assunção e Antônio Carlos
O nosso quilombola Eu quero ela
O poder dessa cidade[...]"
E esperançoso, dizem: "Quem me dera [...]"

Ter poder é possuir possibilidade de realizar, é dispor de força e autoridade moral para revelar um fazer concreto, é ter influência, valimento e legitimidade, baseados em uma posição singular, com direito efetivo de deliberar, agir e mandar. Mas, acima de tudo, ter carisma, aptidão e ética, estando investido de autoridade para concretizar sonhos, gerar direitos, corrigir injustiças, trilhar pelo caminho do dever e do direito. O poder está ligado aos interesses de um determinado grupo, é o instrumento para realizar felicidades. Deste modo, por sermos aptos a exercê-lo: SE O PODER É BOM, EU TAMBÉM QUERO O PODER.

É como nos revelam os geniais Mario Pam e Sandro Teles em "ALIENAÇÃO":

"A consciência é o motivo principal, eu quero mais, além de esporte e Carnaval, NATURAL [...]"

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Personalidades

02

1. Ganga-zumba

Vovô nos conta que Zumbi e Ganga-Zumba são a inspiração / Pra liderar com determinação "O MOVIMENTO" DE DICO E JAJAI

O Quilombo de Palmares foi a primeira organização negra que lutou por poder no Brasil. O quilombo era formado por diversas comunidades palmarinas com suas respectivas lideranças eleitas. Em Palmares, a combinação de eletividade e igualdade civil faz antes pensar em uma república que em um reino. Era uma república peculiar na qual não se poderiam aplicar conceitos históricos ou políticos de inspiração europeia. Era uma república igualitária, fraterna e livre. O que não permite supor que o regime político fosse liberal. Aquela coletividade acossada pela guerra intermitente não podia prescindir da arma defensiva do autoritarismo. O primeiro Grande Chefe eleito para comandar Palmares foi Ganga-Zumba.

O Estado palmarino que Ganga-Zumba comandou surgiu como produto das seguintes necessidades básicas: acomodar e agregar grupos étnicos culturalmente diferentes e aglutinar forças para a luta contra o inimigo externo. Ainda que o Estado palmarino tenha traços africanos, ele foi essencialmente uma criação original de negros que, em terras da América lutavam contra as tentativas de os reduzirem outra vez à escravidão.

Segundo pesquisadores, Ganga-Zumba era da nação Arda, oriundo, pois, de Arda ou Ardra, ou ainda Allada, um dos numerosos Estados da chamada Costa dos Escravos fundados pelos povos Ewés. Os Ardas possuíam uma notável civilização, organização militar severa e grande talento

artístico. Em Pernambuco, onde estava situado o Quilombo de Palmares na época, os Ardas eram identificados por certas características bem definidas. Ostentavam grande robustez física e se mostravam capazes de aprender qualquer trabalho. Mas, ao mesmo tempo, eram obstinados e incorrigivelmente rebeldes. Com frequência, eles atacavam os feitores e os moíam a pancadas. Falavam uma língua de difícil compreensão para os demais africanos escravizados. Ganga-Zumba nasceu em Palmares e quando foi eleito o primeiro Grande Chefe já não era tão jovem, pois tinha muitos netos. Para os historiadores, não há divergência nas fontes quanto ao fato de que o Grande Chefe era eleito. O que não está bem esclarecido é se o mandato tinha duração limitada ou se era vitalício. Não há tampouco a menor indicação de que ele acumulasse as funções política e religiosa.

2. Nelson (R'Olihlahla) Mandela

Desde Ganga-Zumba, em Palmares/ A Nelson Mandela / A afirmação ao poder "AFIRMAÇÃO AO PODER" DE ROBERTO CRUZ, JUCKA MANEIRO E SANDOVAL

Mandela, Madiba, hoje ele é um Chefe Thembu. De origem Xhosa, vem de sua vila natal, Quenu, vizinho da antiga cidade de Transkei, da região de Umtata, filho do comandante tradicional da chefaria de Tembu. Seu pai, Henri Mandela, e sua mãe, Edith Mtoko Mandela, eram originários da cultura, tradição e linguagem Xhosa. Mandela foi:

- a) Ícone do século, consagrado pela opinião internacional;
- b) Prêmio Nobel da paz;
- c) O primeiro presidente negro da África do Sul;

- d)** O prisioneiro símbolo de Robend Island;
- e)** O prisioneiro político mais famoso do mundo;
- f)** O maior exemplo vivo de coragem política, de compromisso com a luta anti-racista, da luta pelo povo negro no mundo.
- g)** Um triunfo do povo negro registrado pelo mundo inteiro.
- h)** Capaz de engajar outras nacionalidades nessa luta com.

Mandela foi preso pelos governantes brancos da África do Sul por mais de um quarto de século, o que o torna um ícone, um Chefe Thembu, um estadista do mundo.

O Apartheid foi o sistema de segregação racial, de desigualdades raciais entre brancos e negros devido a uma lei que regulamentava a negação de direitos políticos aos negros sul-africanos dentro do seu próprio país.

Entre os maiores fenômenos vividos pelo povo sul-africano em seu processo de busca pela libertação nos tempos contemporâneos estão:

- a)** O dia da libertação de Nelson Mandela em fevereiro de 1990 sob a mais forte admiração do mundo inteiro. Entre as paredes do seu confinamento em Robben Island, a sete milhas da cidade do Cabo, Mandela prepara os caminhos de libertação política de seu povo;
- b)** O dia em que um negro sul-africano é eleito Presidente da África do Sul, assumindo o poder do seu país, livre do regime do Apartheid, através de eleições livres, democráticas, pacíficas;
- c)** A eleição do sucessor de Nelson Mandela, após eleições igualmente livres, confirmando o processo da consolidação do fim do Apartheid.

Mandela filiou-se ao Congresso Nacional Africano (ANC) aos 26 anos de idade, dois anos depois de sua formatura em Direito, onde ajudou a fundar o Congresso da Liga dos Jovens juntamente com seus companheiros da primeira hora: Walter Sisulu, Oliver Tambo e outros. Dessa luta, participava nas mesmas dimensões o líder ativista Oliver Tambo. Foram inúmeras as lutas — a do Transvaal a dos Homelands — que segregavam as populações negras a lugares insalubres, a enormes distâncias das cidades com vida digna, contra a Lei do Passe que resulta no Massacre de Shapperville. Mandela se distinguia nessas lutas tanto pela condição legal de Advogado do seu grupo, quanto pela sua seriedade profissional, eloquência, força de caráter e consistência de suas idéias sociais e filosóficas.

VIDA FAMILIAR DE NELSON MANDELA

Ainda jovem, Nelson Mandela realizou o seu primeiro casamento do qual nasceram seus dois primeiros filhos: Makgatho Thembu (falecido) e Makaziwe Phumla Mandela. Do seu segundo casamento com Winnie Madikizela-Mandela ele tem duas filhas: Zenani, casada com o príncipe Thum-bumuzi Dhamini de Zwaziland e Zindziswa. Hoje Mandela vive entre dois países africanos de civilizações tradicionais: o seu próprio país, a África do Sul, e Moçambique, o país de Graça Machel, sua esposa atual.

Mandela realizou seus estudos na University College de Fort Hare, na Witwatersrand University e na Universidade da África do Sul (UNISA).

Recebeu prêmios e títulos no mundo inteiro. Mandela escreveu artigos, livros, deu entrevistas sobre sua própria

vida irretocável e sobre seu engajamento político radical e sem violência.

Em 1994, foi publicada sua autobiografia "Long Walk for Freedom" (Longo caminho para a Liberdade).

3. Kofi Atta Annan: nacionalidade ghanaiense

Kofi Annan sabedoria e ancestralidade /

Levando a paz para a humanidade "O MOVIMENTO" DE DICO
E JAJAI

Kofi Annan é um agente de paz e profundo conhecedor das antigas tradições africanas com suas diferentes culturas e civilizações, o que justifica sua profunda sabedoria. Nasceu em Kumasi, em abril de 1938, e passou seus primeiros anos de juventude num país da África Ocidental, da antiga Costa do Ouro, em tempos coloniais sob a dominação do Reinado Britânico — hoje com identidade própria, um país livre chamado Ghana, o seu país natal. Kofi Annan desde sempre foi um líder autoconfiante. Ainda jovem, em tempos de escola, realizou sua primeira missão de direitos humanos participando de uma greve de fome para protestar contra a pobreza da qualidade da alimentação para os estudantes. Entrou na Universidade de Ciência e Tecnologia de Ghana, onde estudou Ciências Econômicas. Em 1957, foi vice-presidente da União de Estudantes de Ghana, visitou Serra Leoa em reunião de líderes estudantis, despertando a atenção pelo seu talento, aos olhos das lideranças dos projetos da Fundação Ford para estudantes estrangeiros. Foi daí que partiu cedo o seu caminho para as Nações Unidas e para concluir seus estudos econômicos na Macalester College em Saint Paul de Minnesota, o que justifica seu sucesso nas Nações Unidas,

principalmente nas áreas de finanças e gestão de recursos humanos, cuja carreira iniciou em Geneva, Switzerland.

Kofi Annan fez seus estudos de Master Degree no Instituto de Tecnologia de Massachusetts entre 1971 e 1972. Durante quatro anos, trabalhou em Nova York em serviços de gestão de pessoas. Em 1980, retornou a Suíça onde, durante três anos, foi chefe de pessoal no Alto Comissariado para Direitos Humanos das Nações Unidas. Assumiu postos diplomáticos em Bangladesh, Cambodja, Indonésia, Hong Kong, além de Itália, Grécia e Iraque, Somália, Ruanda, Ghana, Etiópia e Egito.

Kofi Annan é o primeiro negro africano a ocupar o cargo de Secretariado Geral das Nações Unidas. Sua eleição foi louvada com incomum alegria pelos seus amigos e colegas das Nações Unidas, que o admiram por sua reconhecida integridade, sua capacidade serena e sábia de proceder julgamento em impensáveis ocasiões de emergência e sua habilidade de responder e tirar lições de cada situação.

4. Steve Biko

Bantu Steve Biko nasceu na cidade de William's Town, na Província do Cabo, na África do Sul, reconhecida pelo Ilê Aiyê como Azânia. Ele estudou na Escola de Medicina da Universidade de Natal em Durban, em 1966, onde se associou à União Nacional de Estudantes Sul-Africanos, da qual foi um membro ativo, envolvendo-se em ações políticas do país, que o levam à expulsão da Universidade em 1972. Foi um líder eloquente, que reunia a mídia em torno de si e a atenção de lideranças negras do seu tempo.

Steve Biko deixou esposa, Nonts Kelelo, e dois filhos. Em continuidade às suas lutas políticas pela libertação da

África do Sul, ele participa do programa da Black Community, que cria e concretiza a filosofia do Movimento da Consciência Negra, inspirando diversos projetos como o Zawempilo Clinic e movimentos literários. Em 1973, Steve Biko foi proibido pelas autoridades do Apartheid do direito de falar em público, e de publicar seus artigos, o que restringiu seu espaço na sua cidade natal, mas não o impediu de realizar uma luta sem tréguas — o que o leva a ser escolhido Presidente honorário da Convenção do Povo Negro que ele ajudou a criar. Steve Biko esteve prisioneiro durante longos meses e morreu na prisão de Porto Elisabeth em 12 de setembro de 1977.

O pensamento de Steve Biko foi reconhecido em muitas partes do mundo pela sua ação através de Alfred Stubs, um missionário anglicano enviado a Rosettenville, em Johannesburg, a quem Steve Biko escreveu uma longa carta. Outro mensageiro do trabalho de Steve Biko é Nyameko Barney Pityara, sul-africano, companheiro e profundo conhecedor de suas ideias, membro ativo do Congresso Nacional Africano (ANC), e liderança do programa de Combate ao Racismo no Conselho Mundial das Igrejas.

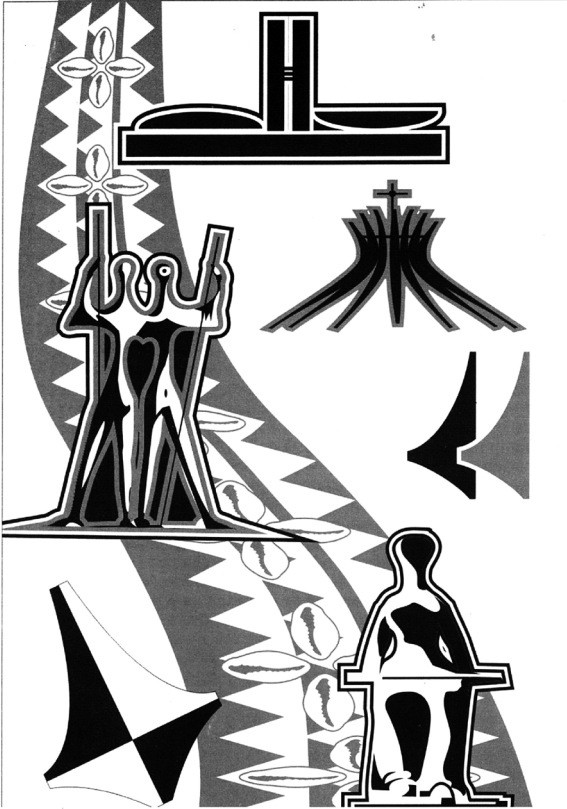
As contribuições de Steve Biko à questão racial são suas lutas em favor da União Nacional de Estudantes Sul-Africanos; a criação de um sistema de valores que transformou a face política da África do Sul em atitudes de lutas cotidianas; o que ele aprendeu com as atitudes filosóficas de sua própria mãe e compartilhou em sua própria cidade e o seu envolvimento político que se inicia em Love Dale, perto de Alice, região de Eastern Cape, que revela energia e confiança em si mesmo. Com seu poder de argumentação e otimismo, desenvolveu intensa atividade na liderança

da SASO juntamente com Barney Pityana e depois na Black Community Programme; confinado em Kingwillia Mstown, passava noites a fio escrevendo textos, panfletos, estratégias políticas; ele era um consultor político ativo e admirado, escrevia cartas para amigos, demonstrando sempre seu entusiasmo, sua imensa capacidade de amar as pessoas, com uma genuína ternura, oferecendo orientação, apoio, amizade, informação, sempre articulando as conexões políticas (ele gostava de música, de festa, de reunir amigos). Biko acreditava que a generosidade era um dos mais importantes valores na promoção da consciência negra. Existe uma relação entre três pontos importantes da Consciência Negra, filosofia política defendida por Steve Biko: as organizações de libertação do Congresso Nacional Africano, o Congresso Pan-africano: a responsabilidade do negro pela revolução sul-africana; a unidade sul-africana, a estratégia orientada a partir do povo sul-africano. Os novos tempos requerem uma releitura do Movimento “Consciência Negra”, sobretudo em relação à unidade do povo sul-africano na sua realidade de NAÇÃO ARCO-ÍRIS.

O principal livro de Steve é: EU ESCREVO O QUE EU QUERO e é um hino à solidariedade e à luta pela libertação do povo sul-africano.

5. Thabo Mbeki

Nasceu em 18 de junho de 1942 e cresceu na Vila de Mbewaleni, na região do Idutywa, na área de Transkei, uma histórica terra de origem e língua Xhosa. Filho de Govan Mbeki, líder e militante de um partido de intelectuais radicais, passou grande parte de sua vida na prisão. Para a família Mbeki, a luta sempre foi primordial. Thabo Mbeki é



casado com Zawele Dlamini Mbeki desde 1974. Ela é apaixonada pelas lutas de empoderamento da mulher, vinculada ao Banco de Desenvolvimento de Mulheres.

Thabo Mbeki é o atual presidente da África do Sul, e tomou posse no dia 16 de junho de 1999. É militante do Congresso Nacional Africano (CNA), desde 1956, foi da Liga de Jovens em seu tempo de estudante no Instituto Lovedale, onde participou de movimentos políticos radicais, desenvolvendo ações que o levaram a ser expulso do Instituto. Realizou ações políticas nas áreas de Pretoria Witwaterands da ANC. Em 1961, foi Secretário da Associação de Estudantes Africanos, deixando a África do Sul em 1962, junto com outros estudantes da ANC, em direção à Inglaterra. Em 1966, fez o seu Mestrado em Economia na Universidade de Sussex.

De 1967 a 1970, Thabo Mbeki trabalhou na representação da ANC em Londres e participou de treinamento militar na União Soviética. Em 1973, foi enviado a Botswana, sendo um dos primeiros líderes da África do Sul a ter contato com o exílio e a visitar membros do Movimento de Black Consciousness "Movimento de Consciência Negra". Em 1975, tornou-se membro do Comitê Executivo Nacional da ANC, ocupando logo depois a função de Diretor do Departamento de Informação e Publicidade. Reeleito, foi a Dakar, no Senegal, para ter contato com delegações do Instituto para Alternativas Democráticas. A partir de todo o sucesso dessa carreira, Thabo Mbeki foi eleito Presidente da ANC em 1993; em 1994, foi o Vice-Presidente do Governo da África do Sul. Para a sucessão de Nelson Mandela, Thabo Mbeki foi o candidato escolhido, defendendo suas idéias da Renascência Africana.

Nelson Mandela entrega o Governo da África do Sul ao seu sucessor em cerimônia solene de posse dizendo: “Thabo, agora é VOCÊ” na presença de 60 países, inclusive o Brasil, resultado de uma extraordinária e pacífica eleição conduzida pela vontade popular sob a coordenação da ANC e com a participação de milhares de pessoas em grande gala.

6. Mãe Hilda Jitolu

Iyalorixá maior / Zeladora da crença, candomblé / Mãe Hilda Jitolu, Guerreira “FORÇA AFRO-BRASILEIRA” DE MARQUINHOS MARQUES, JORGE GARCIA E ED JUNIOR

A Iyalorixá Hilda Jitolu tem sua origem religiosa no Terreiro Cacunda de Iyáiyá, fundado em 6 de janeiro de 1935 pelo Babalorixá Sinfrônio Eloi Rocha Pires, filho de Obaluayê, que em 1938 é substituído por Constância da Rocha Pires, que assumiu o Terreiro até 1978.

Mãe Hilda é filha de Mãe Tança, originária da Cacunda de Iyáiyá. Após a passagem de Mãe Tança, a Cacunda de Iyáiyá ficou sob a responsabilidade de O Miniqué, filha de Oxum, filha espiritual de Mãe Tança, cujo Pegigan da Casa foi Pedro Alcântara da Rocha, o conhecido S. Pedrinho, filho de Ogum, com a Dígina de Ogum - Leié. Foram estes que completaram as obrigações de Mãe Hilda Jitolu. Mãe Hilda é filha de Obaluayê, cuja Dígina é Jitolu. Jitolu é filha de Obaluaiyê e seu Juntó é Oxum. Mãe Hilda é a Iyalorixá do Ilê Axé Jitolu, depois de cumprir suas maiores obrigações de três, de sete, de 14, 21 e até 25 anos. O Ilê Axé Jitolu celebra os rituais em homenagem ao seu Patrono, Obaluayê, no dia 16 de agosto, além de celebrar anualmente as Águas de Oxalá no mês de janeiro.

Mãe Hilda diz que entrou no Candomblé porque sua família é de Candomblé, e por razões de saúde ela realiza a continuidade de uma tradição de sua família. Palavras de Mãe Hilda: “E aí segui minha estrada, meu axé”. As obrigações religiosas de Mãe Hilda foram realizadas pela sua Família de Santo, da Cacunda de Iyáiyá. A obrigação de 50 anos foi realizada já no Axé Jitolu, celebrada também com a edição de um Cartão Postal. O Ilê Axé Jitolu foi criado com as bênçãos e as raízes ancestrais de Cacunda de Iyáiyá no dia seis de agosto de 1952, inicialmente um coberto de palha, “foi um renascimento, com os fundamentos ancestrais”.

No mês de setembro, o Axé Jitolu celebra a festa do Caboclo de sua Iyalorixá, o Caboclo Tupyassu.

A respeito do seu caboclo, Mãe Hilda diz: “o meu santo é Jêje e na terra do jêje a gente tem que louvar o Caboclo. Diante daqui ser Brasil, os caboclos é que mandam, Brasil é terra de Caboclo”.

Mãe Hilda diz, a propósito de seu Orixá: “Obaluaê é o Pai, meu Pai, é um santo. Ele é um Vodum Vivo”.

“Antigamente, quando se falava em Obaluaê, se colocava a cabeça no chão. Ele é um santo vivo. É um médico, ele cura, já curou muita gente. Ele era um Rei no Dahomé”. Palavras de Mãe Hilda.

Sobre seus ancestrais, ela diz que “Mãe Tança era uma pessoa de muito Axé, fui cuidada pelas mãos dela. O que eu coloco na cabeça de minhas filhas de santo, a conversa que eu tenho para louvar os Orixás, tudo foi dado por ela, que sempre me acolheu como se fosse minha mãe de entranhas, com tudo a que uma pessoa tem direito. Ela abriu para mim as portas e o colo. Mãe Tança era alegre, bondosa, gostava

de passar para as pessoas o que a pessoa tinha direito. A festa de Mãe Tança era festa de Nanã.”

O ILÊ AXÉ JITOLU É UM ENCONTRO DE NAÇÕES

O Ilê Axé Jitolu constitui uma geração de Terreiros que transcendem a dimensão religiosa e realizam uma ação social, comunitária e política à medida que assumem um papel de liderança, de vanguarda, que marcam presença no lugar onde estão, que concretizam a posição que sempre foi assumida pelas entidades negras de resistência, clássicas e contemporâneas. Há um dinamismo nos Terreiros que potencializa em diferentes momentos da história toda a ação transformadora de que essas organizações negras são cultural e socialmente capazes. Os Terreiros nascem na resistência, mantêm essa resistência e a cada passo vão incorporando demandas sociais e políticas que contribuem com a melhoria da qualidade de vida do povo negro e de toda a sociedade. O Ilê Axé Jitolu é pioneiro no processo de inclusão da História e da cultura africana e afro-brasileira no currículo de Escolas de Ensino Fundamental, iniciando por uma prática curricular diferenciada na Escola Mãe Hilda, que se expande a partir desta escola, criada no Terreiro, até o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, que reúne ensino e formação de professores em escolas municipais de Salvador.

RECONHECIMENTO DA CIDADE DE SALVADOR E DO PAÍS À MÃE HILDA

Na pessoa de Mãe Hilda, o Terreiro pelo qual ela responde é homenageado em diferentes ocasiões. Terreiro e Iyalorixá se integram, se representam. Mãe Hilda recebeu da cidade de Salvador Medalhas de Ouro; Medalhas de Honra; Prê-

mio da UNICEF de melhor projeto educacional incluindo comunidade e cultura negra e recebeu a Chave da Cidade de Salvador no Carnaval do ano de 2003.

No ano de 2005, Mãe Hilda foi indicada por um Conselho de Mulheres a ser uma das 52 brasileiras que integram a candidatura de Mil Mulheres ao Prêmio Nobel da Paz. Ela foi apresentada na categoria de Iyalorixá do Ilê Axé Jitolu e Mãe Espiritual do Ilê Aiyê.

Reafirmamos que os Terreiros de Candomblé na Bahia sempre desempenharam papéis sociais e culturais relevantes. E Mãe Hilda é pioneira na abertura do seu próprio Terreiro às ações sociais e educativas. As ações sociais dos Terreiros transcendem a dimensão religiosa e incluem a verdadeira natureza da espiritualidade, que cuida da pessoa na sociedade, que integra, que reorganiza o que diz respeito à pessoa — corpo e alma; mitologia e rituais; crença e valores. Essas são dimensões que, na concepção africana de mundo, estão integradas. Em seu Terreiro Ilê Axé Jitolu, Mãe Hilda realiza esta unidade entre o espiritual, o religioso, o mítico e o místico. Todos interagem sob a inspiração dos Orixás, dos Voduns e dos Caboclos, que são verificados no cotidiano da Casa de Mãe Hilda, garantindo a circulação do Axé, a força vital que a todas as pessoas unifica entre Orun e o Aiyê.

7. Mãe Stella de Oxossi Iyalorixá Ode Kayodê

Oxossi mandou me dizer / Não há vitória quando a luta não é justa / Não há, não há "FORÇA AFRO-BRASILEIRA" DE MARQUINHOS MARQUES, JORGE GARCIA E ED JR.

A Iyalorixá Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi, Ode Kayodê é a responsável, zeladora, Mãe de Santo do Ilê Axé Opô Afonjá, uma das referências das religiões de origem africana na Bahia da Nação Yorubá, nagô e ketu. Mãe Stella foi iniciada por sua mãe espiritual Mãe Senhora, Oxum Muiyá, sucessora da Iyalorixá Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha, a fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá. Antes de ser escolhida pelos Orixás para assumir o posto maior de sua casa religiosa de origem, foi Kolabá de Xangô, aquela que guarda os mistérios, os objetos rituais do Orixá da justiça.

Maria Stella de Azevedo é filha de uma família tradicional da Bahia, estudou na escola Anfrizia Santiago, diplomou-se em Enfermagem e exerceu a função de enfermeira em hospital público da Bahia. Iniciou-se no Candomblé ainda muito jovem.

Sabedoria, liderança e tradição de luta nas questões sociais nos Terreiros marcam a trajetória de Mãe Stella, abrindo espaço para discussões, congressos, conferências sobre a tradição religiosa dos Orixás yorubanos, nagôs da Nigéria, do Benin e de Ketu.

A área de atuação de Mãe Stella passa pelo seu Terreiro, suas filhas de santo, a comunidade residente no Terreiro e os membros que constituem a hierarquia do Terreiro — Ekedes, Mobás, Ogans e as(os) Egbomes, os mais velhos do Terreiro; filhos e filhas de Yemanjá, Oxalá, Xangô, Oxum, Oxossi, Ogum, Iyansa, Ossaiyn, Obalwayê, Nanã, Oxumaré, Ewá, Obá. Mãe Stella diz que o Candomblé é uma religião porque tem Teologia, liturgia, dogmas e fé nos Orixás.

Ela exalta a natureza, a água, a terra, o fogo e o ar. Ela fala de Ori, de Oriki, de Odu, de fé, de liberdade, de coerên-

cia, de tradição, de respeito, de escola, de ensinamento, de memória, de africanidade: “eu falo africano, a religião que nós praticamos é uma religião africana, é de essência africana e sobretudo de Axé, que é a força vital que anima a espiritualidade, a religião pela presença e ação dos Orixás”. Ela diz que Candomblé é Candomblé, Missa é Missa.

Mãe Stella, Odé Kayodé, recebeu pela festa de seus oitenta anos a medalha ZUMBI, sendo a primeira pessoa a ser condecorada com o símbolo do líder da maior e mais duradoura experiência democrática do país — a República de Palmares. No âmbito das belezas e diversidades das comemorações dos seus 80 anos, Mãe Stella de Oxossi recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia.

Em 2001, ela recebeu o prêmio Multicultural Estadão. Em 2005, Odé Kayodé foi uma das 52 mulheres brasileiras que integram as 1000 mulheres candidatas ao Prêmio Nobel da Paz.

O Ilê Axé Opô Afonjá, o São Gonçalo, o Opô Afonjá sob a liderança espiritual de sua lyalorixá, Mãe Stella de Oxossi, realiza processos educacionais através da Escola de Ensino Fundamental Eugênia Anna dos Santos; o Museu Lhai Lhai; o projeto de meninos em risco; horta comunitária; o grupo de teatro; o coral de jovens; “O Carrapicho”, onde se encontram objetos de arte e objetos rituais e, anualmente, realiza Alainde Xiré.

8. Abdias do Nascimento, o guerreiro negro

“Desde que nasci, estou envolvido com a defesa de meu povo”.

Abdias do Nascimento nasceu em 1914, em Franca, interior de São Paulo, a 14 de março, data que também se comemora o dia da poesia. Abdias, filho de sapateiro e de uma doceira, desde cedo se identificou com a luta pela libertação do povo negro. De sua mãe ele guarda a lição: “A primeira grande lição de solidariedade racial que recebi na vida foi quando vi minha mãe defender um menino negro órfão, um colega do grupo escolar, que estava sendo espancado no meio da rua por uma mulher branca. Foi assim que aprendi, desde criança, que não se deve deixar sem resposta uma ofensa racial. Esta é uma lição que venho praticando durante toda minha vida”¹. Ele foi fundador da Frente Negra Brasileira em 1931, movimento político que defendia a formação de um partido negro e de educação para todas as pessoas negras. Fundou também o MNU, Movimento Negro Unificado, em 1978. Mas foi o TEN - Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias em 1944, que representou uma das maiores contribuições para as artes engajadas e para a luta anti-racista neste país. O TEN possibilitou a atuação de atores e atrizes negras, encenando peças onde o negro aparecia como protagonista, tanto nos enredos quanto na atuação. O TEN ainda promoveu concursos de beleza negra, editou o jornal Quilombo, realizou seminários e congressos, cursos de alfabetização para adultos etc.

A participação ativa de Abdias em diversos fóruns políticos e culturais internacionais, principalmente nas Américas e África, o possibilitava fazer, incansavelmente, a

denúncia do racismo institucional brasileiro, o desmonte do mito da democracia racial que era propagado no exterior e a apresentação de pautas de políticas de inclusão da população negra brasileira. Sobre um desses eventos, a segunda edição do FESTAC - Festival de Artes e Cultura Negras, realizado em Lagos - Nigéria, em 1977, Abdias relata:

“Em certo momento, na assembléia geral do Colóquio [FESTAC’ 77], quando os delegados oficiais do Brasil tentavam me silenciar, levantei a voz e me identifiquei, não como representante do Brasil, mas como um sobrevivente de Palmares. É nessa qualidade que me reconheço e me confirmo neste trabalho”. ENTREVISTA ABDIAS DO NASCIMENTO: “UMA VIDA DEDICADA A UM IDEAL” - PORTALAFRO INTERNET: WWW.PORTALAFRO.COM.BR-2001

Esta fala de Abdias responde à atitude do governo brasileiro da época, que fez de tudo para impedir o seu pronunciamento naquele evento, alegando que ele não era representante oficial do país. No entanto, a repercussão das denúncias da perversa situação de desigualdades raciais vividas pela população negra no Brasil, apresentadas ali pelo militante e estudioso, foi matéria dos principais Jornais da Nigéria, além da própria repercussão dentro do FESTAC.

Abdias, profundamente identificado com as propostas pan-africanistas de unificar as lutas dos negros em todo o mundo, é um artista de múltiplos talentos: artista plástico, poeta, ator, dramaturgo, além de autor de diversos livros sobre a temática negra no Brasil, África e Diáspora. Ele foi o primeiro militante a apresentar a instituições públicas e ao Estado pautas de políticas de ações afirmativas para o povo negro. Um exemplo disso é o que ele assinala quando recebe o título de Doutor Honoris Causa pela Universida-

de Federal da Bahia, quatro anos antes de ser aprovado o sistema de cotas para negros e negras na UFBA: "Minha presença aqui representa o desejo da coletividade afro-brasileira de que esta universidade, a mais antiga do Brasil, dê o exemplo de forjar um caminho de verdadeira inclusão do povo de ascendência africana na academia"².

A vida política de Abdias também é marcada pela ação parlamentar. Ligado partidariamente ao PDT, ele foi deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro de 1983 a 1986. Como deputado federal, ele foi o primeiro parlamentar a defender, no Congresso Nacional, políticas públicas de igualdade racial para a população negra brasileira, além de apresentar projeto de lei que define o racismo como crime de lesa-humanidade. Também é incansável na luta pelo fim das relações do Brasil com a África do Sul, que mantinha, à época, o regime racista do apartheid. Como Senador da República, a partir de 1991, apresenta o projeto de lei sobre ação compensatória, que propõe reparação para o povo afro-descendente. Abdias também apresenta, à Constituição Federal, emenda que garante às comunidades remanescentes de quilombos direitos fundiários na mesma proporção dos que eram assegurados aos indígenas.

Abdias ainda assume cargos públicos como Secretário de Estado da Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras - SEAFRO, de 1991 a 1994. Também foi Secretário de Estado de Direitos Humanos e da Cidadania, do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 1999.

Abdias do Nascimento publicou muitas obras, dentre as quais destacamos: O Quilombismo (2a. ed., Brasília. 2002); O Brasil na Mira do Pan-Africanismo (Salvador: 2002); A Luta Afro-Brasileira no Senado (Brasília: 1991); Combate ao Racismo (6 vols., Brasília: Câmara de Deputados: 1983-86); Axés do Sangue e da Esperança - Poesia (Rio de Janeiro: 1983); O Negro Revoltado (2a. ed., Rio de Janeiro: 1982); Sortilégio II: Mistério Negro de Zumbi Re-divivo - Teatro (Rio de Janeiro: 1979); Teatro Experimental do Negro: Testemunhos (Rio de Janeiro: GRD, 1966).

A contribuição de Abdias do Nascimento para a luta libertária do povo negro na África e na Diáspora, principalmente no Brasil, está definitivamente inscrita na História do país. Aos 92 anos, Abdias do Nascimento ainda peregrina pelo país, elevando sua voz em defesa do povo negro brasileiro.

9. Luiz Inácio Lula da Silva - Presidente

Se o poder é bom eu quero/Luiz Inácio tem o poder FORÇA AFRO-BRASILEIRA" DE MARQUINHOS MARQUES, JORGE GARCIA E ED JR.

Luiz Inácio Lula da Silva é o primeiro trabalhador brasileiro a se eleger Presidente da República. O afrodescendente nordestino, ex-metarlúgico e sindicalista nasceu em 1945, na cidade de Garanhuns, Pernambuco. É casado desde 1974 com Marisa Letícia e tem cinco filhos. Lula chegou ao estado de São Paulo com sete anos de idade, após viajar 13 dias num pau-de-arara. Já na infância, o menino vendeu amendoim, tapioca e laranja nas ruas de Guarujá.

Em 1956, a família de oito crianças e adolescentes morou num único cômodo, nos fundos de um bar. Lula conseguiu seu

primeiro emprego numa tinturaria, aos 12 anos. Também foi engraxate e office-boy. Aos 14 anos, teve a carteira de trabalho assinada pela primeira vez. Aos 18 anos, era torneiro mecânico, e durante o trabalho teve o dedo mínimo decepado. Em janeiro de 1966, ingressou nas Indústrias Villares, uma das principais metalúrgicas do país, localizada em São Bernardo do Campo, no ABC paulista. Torcedor do Corinthians, operário, começou a se interessar pelo movimento sindical através de seu irmão José Ferreira da Silva, conhecido como Frei Chico, que era ligado ao então PCB (Partido Comunista Brasileiro). Era época da ditadura, e sob forte repressão, Lula participou de sua primeira eleição: suplente da diretoria eleita, em 1969, pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Em 1975, já como Presidente do sindicato, a atuação de Lula foi fundamental para uma nova fase do sindicalismo brasileiro. O movimento dos metalúrgicos do ABC paulista tornou-se conhecido internacionalmente. Insatisfeitos com a atuação dos parlamentares durante as batalhas por seus direitos, Lula e os companheiros sindicalistas, depois de um congresso de petroleiros na Bahia, resolveram lançar o Partido dos Trabalhadores.

Em 10 de fevereiro de 1980, Lula fundou o PT (Partido dos Trabalhadores) juntamente com outros sindicalistas, intelectuais, políticos, representantes de movimentos sindicalistas, intelectuais, políticos, movimentos sociais e lideranças rurais. Em 1984, o PT foi um dos articuladores do movimento suprapartidário e realizou a Campanha “Diretas Já!”. Em 2002, após três eleições, elege-se Presidente da República Federativa do Brasil.

O Governo do Presidente Lula registra uma série de atos voltados para antigas reivindicações do movimen-

to negro brasileiro e, de forma inédita, estabeleceu uma política de relações exteriores onde o continente africano passou a ter tratamento prioritário. Lula visitou a África já no primeiro ano de governo e foi o primeiro presidente brasileiro a admitir que o Brasil tem uma dívida histórica com a África e seus descendentes no continente e no Brasil, devido à exploração do passado. O Presidente Lula também perdoou dívidas de países africanos com o Brasil, uma medida concreta desse novo direcionamento.

Em março de 2003, Lula criou a Secretaria de Promoção de Políticas da Igualdade Racial - SEPPIR. No seu Governo, entrou em vigor a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura e da História africana no sistema de ensino brasileiro. O PRONUNI prevê cotas para negros e negras em universidades particulares. Parcerias interministeriais do programa FOME ZERO contemplam comunidades quilombolas. Uma parceria com a Organização Internacional do Trabalho para o programa Gênero, Raça e Pobreza ajudou a diminuir o número de crianças no emprego doméstico. O Decreto n. 4887/03, que trata da regularização e titulação das terras dos Quilombos, foi sancionado por Lula.

Em 2004, o Presidente Lula instituiu 2005 como o Ano Nacional da Promoção da Igualdade Racial. Entre os dias 30 de junho e 02 de julho de 2005, a SEPPIR e parceiros realizaram a I Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, em Brasília. Na abertura do evento, o Presidente Lula estava presente. No seu discurso, o dirigente máximo do país expôs sua percepção da questão racial no Brasil: “O preconceito, ele só não é maior porque não está escrito na testa das pessoas. Se estivesse escrito

na testa das pessoas, a gente saberia que o preconceito, neste país, é uma doença grave, porque o preconceito é contra o negro, o preconceito é contra o pobre, o preconceito é contra aqueles que pertencem... com menos possibilidade, na escala social do nosso país”.

10. Gilberto Gil

“Andar com fé eu vou, que a fé não costuma falhar”

O Brasil pode se orgulhar de ter, na história do Ministério da Cultura, um dos maiores artistas que o país já produziu: o soteropolitano Gilberto Gil. Um homem negro de trajetória de qualidade em diversas áreas, um ambientalista, empresário, político, produtor cultural, cantor, compositor gestor público e o que mais sua cabeça talentosa produzir.

Desde 26 de junho de 1942, quando nasceu, filho de um médico e uma professora primária, suas referências recorrentes que lhe deram régua e compasso são a cultura, o povo e a terra. Esses são elementos do trabalho do artista que já trabalhou inúmeras matrizes musicais africanas como rap, reggae, ijexá, samba-choro, samba-de-roda, samba de-breque, jazz, funk e a música visceral dos blocos tradicionais de Salvador.

Da infância, passada em Ituaçu (BA), vieram as raízes para construir obras como “Abacateiro” e o show / disco “Refazenda”. Da experiência pessoal da negritude, veio a constante afinidade profissional e artística com entidades como o Ilê e os Filhos de Gandhy, além de referências presentes em sua obra às religiões afro-brasileiras, sempre de forma respeitosa.

Gilberto Gil voltou para Salvador na adolescência. Já em 1959, ele escreve seus primeiros poemas e integra o conjunto instrumental Os Desafinados. Nesse período, sua maior influência é a bossa nova. Ele toca acordeon e violão e, além de compor suas primeiras bossas, o jovem negro se apresenta na televisão. Confirmando suas múltiplas capacidades, através de concurso, torna-se funcionário público. No ano seguinte, conhece Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa, e os quatro irão se tornar os precursores do Tropicalismo, um dos mais influentes movimentos culturais brasileiros.

Em paralelo à carreira iniciante, Gil se formou em administração de empresas em 1964. Nos anos seguintes, ele participa de festivais, compõe, faz shows, torna-se um dos ícones tropicalistas e, por conta da produção musical considerada subversiva, parte para o exílio em 1969. No exterior, ele continua a cantar, compor e a influenciar todas as gerações subseqüentes. Em 1975, junto com Jorge Ben Jor, lança Gil Jorge Ogum Xangô, onde cantam e tocam ao violão. Dois anos depois, participa do 2º Festival Mundial de Arte e Cultura Negra, em Lagos, Nigéria.

Em 1980, Gil tornou-se o primeiro negro a integrar o Conselho de Cultura do Estado da Bahia. Desde a década de 1980, o artista já se apresentou pelo mundo inteiro. Todos os anos faz uma turnê europeia, faz shows nos Estados Unidos, em países da América Latina, Japão e dezenas de cidades do Brasil. Já escreveu a trilha sonora de diversos filmes, entre eles “Quilombo”, “Jubiabá” e “Um trem para as estrelas”.

Como homem público, Gilberto Gil presidiu a Fundação Gregório de Matos, em 1997, quando intensificou as relações culturais entre a Bahia e a África, além de gerar

um projeto de recuperação do centro histórico de Salvador, elaborado pela arquiteta Lina Bo Bardi e equipe. Em 1988, elegeu-se vereador da capital baiana com o maior número de votos entre todos os candidatos. Seu mandato se caracterizou pela luta em defesa do meio ambiente e, em consequência, no dia 21 de março de 1990 filia-se ao Partido Verde. No mesmo período, formaliza a Fundação Onda Azul, entidade de promoção de políticas ambientalistas.

No final de 1992, o artista se sobrepõe novamente ao homem público. Gil se afasta da política e se concentra em gravações, shows e produção cultural. É na década de 1990 que inicia a série de PERCPANS (festivais de música percussiva que começam em Salvador e depois acontecem em vários lugares do Brasil). É um período de grande sucesso artístico e empresarial, em que monta camarotes e se apresenta com trios elétricos próprios no Carnaval de Salvador. Ao mesmo tempo, consolida sua carreira internacional.

Em 1999, o baiano recebe o Grammy na categoria World Music. No mesmo ano, é visto como apresentador do “Pierre ‘Fatumbi’ Verger: mensageiro entre dois mundos”. No ano seguinte, também apresenta o documentário “Filhos de Gandhi”.

No final de 2002, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva convida Gilberto Gil para ser Ministro da Cultura, cargo que ocupa desde janeiro de 2003. A gestão começa com uma reforma estrutural do Ministério, da Funarte, da Biblioteca Nacional e da Fundação Palmares. A articulação com grupos africanos, afro-brasileiros e o apoio às atividades da Fundação Palmares são características de sua administração. As atividades artísticas não são abandonadas. Em setembro de 2003, Gil recebe o prêmio

de personalidade do ano no Grammy Latino.

O Ministro da Cultura acompanhou o Presidente Lula em diversas viagens ao continente africano. Nesses momentos, o gestor público e o artista se alternam harmonicamente e Gil mostra, de forma inequívoca, de onde retira a força, a capacidade de articulação de conhecimentos, competências, heranças, culturas e ritmos. O Ministro que fez o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, tocar os tambores ancestrais numa cerimônia oficial, é o mesmo que canta no antigo cativeiro africano. Gilberto Gil é um artista multi-talentoso, um homem da política, um homem com raízes e que dá frutos cada vez mais saborosos nessa terra negra onde a cultura é cada vez mais como o próprio ministro: de pele, voz e alma negras.

11. Antônio Carlos dos Santos Vovô ou Vovô do Ilê

ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS VOVÔ, O KILOMBOLA DA CONTEMPORANEIDADE

Nascido do ventre de uma Iyalorixá, Mãe Hilda Jitolu, Antônio Carlos dos Santos Vovô, desde criança, trilhou pelos caminhos da honestidade. São Cosme, de quem jovens e crianças da sua geração costumavam aprender fraternidade e solidariedade, transmitia valores e princípios defendidos pela sua mãe e pela religião do Candomblé. Nascido e criado no Curuzu, Vovô, filho de Oxalá, compartilhou com mais quatro irmãos mais novos momentos de dificuldades como toda criança negra dessa cidade. Infância pobre de recursos materiais, mas rica de vivências nas festas de largo, festas populares, folguedos juninos, rezas de Santo

O kilombola

(Arany Santana)

Criticado ou aplaudido
Combatido ou amado
Lá vai ele,
Negão malassombrado
Criador de estilos e linguagens.
Sua referência, o Kilombo do Curuzu
Ilê Axé Jitolu.
Abençoado pelas mãos fortes de Obaluaê,
Lá vai ele,
Voz macia, às vezes dura
Fala quase nagô.
É Irmão, amigo, parceiro, companheiro,
A formação recebida no Terreiro
Lá vai ele, negão categoria
Confidente.
Pai e filho de Oxalá
Sua escola, o Terreiro
Seus mestres, os Orixás.
Pela boca de Mãe Hilda,
Os conselhos.
Sem perder de vista
Há vários anos liderando esse kilombo
Em busca da liberdade.
Se o kilombo Ilê é vitorioso,
É graças ao Senhor

Antônio, carurus de participar etc. A Escola Parque, idealizada fonte de educação e entretenimento do educador Anísio Teixeira, foi responsável pela sua educação formal. Na adolescência, foi grande promotor dos famosos “passeios”, com ônibus alugado, para as praias do litoral norte de Salvador (hoje famosas), responsabilizando-se não só pelo grupo de jovens como também pelo timbau que tocava no grupo de samba.

Mais tarde, fez os cursos de Patologia Clínica e Engenharia Eletromecânica. Foi comerciário e operador da CEMAN e COBAFE no Pólo Petroquímico de Camaçari de 1976 a 1981. Mas os tambores da Negritude falaram mais alto na sua vida e ele fez a sua opção definitiva, deixando para trás a segurança de um emprego fixo e passando a dedicar-se exclusivamente ao Ilê Aiyê, junto com Apolônio e demais companheiros fundadores do Bloco. Desde 1981, Vovô dedica-se a presidir, administrar e coordenar, junto com o corpo de diretores da entidade, as atividades sócio-educativas, artísticas, culturais e carnavalescas da Associação.

Por conta de sua atuação e articulações de turnês nacionais e internacionais, Vovô permanece na manutenção da Escola de Ensino Fundamental Mãe Hilda, Escola de Música e Percussão Band’Erê e Escola Profissionalizante que a entidade mantém para oportunizar aos jovens inclusão social, participação em palestras, seminários, congressos e conferências. Vovô tem sido condecorado pelas contribuições prestadas em prol da afirmação da cultura negra.

Dentre os vários reconhecimentos, destacamos:

- ◆ Coordenador do Carnaval da Liberdade (1989 e 1992).
- ◆ Coordenador do Carnaval de Salvador (1996).

- ◆ Membro da Comissão Organizadora da vinda de Nelson Mandela ao Brasil
- ◆ Membro da Comitativa Oficial de Intercâmbio Cultural Bahia - Benin (África).
- ◆ Consultor para criação de Blocos Afro no Rio de Janeiro, São Paulo e Maranhão.
- ◆ Membro do extinto Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra, em Brasília.
- ◆ Membro do Fórum Intermunicipal de Cultura.
- ◆ Membro do Conselho Consultivo da Comunidade da XXIV Conferência Geral de População da International Union for the Scientific Study of Population (IUSSP)-Bélgica
- ◆ Conselheiro Consultivo da AMAFRO - Sociedade Amigos da Cultura Afro Brasileira.
- ◆ Dentre os diversos troféus do Carnaval baiano, recebeu ainda, Medalha de Cavaleiro da Ordem do Mérito da Bahia.
- ◆ Gaba Spirit Award, pela sua contribuição à comunidade africana global, Gaba Sode Reconhecimento da Assembleia Legislativa do Mato Grosso. Medalha de Ouro à Qualidade Brasil.

Antônio Carlos dos Santos Vovô é o líder negro mais respeitado da América Latina e reconhecido na Europa, Estados Unidos e África pela sua trajetória de luta e crença na evolução da raça negra nesse país.

12. Edvaldo Pereira de Brito

Ritmando o que vem do infinito/Encantando o nosso paraíso/Sou Ilê Aiyê/Faço parte dessa história ("NEGRO ALEGRE DE JOEL E ALDO NASCIMENTO).

Nascido na cidade de Muritiba, a 3 de outubro de 1937, o advogado e professor Edvaldo Brito é filho de Edite Pereira de Brito, uma devota filha do orixá Xangô, e de João Pereira dos Santos Sobrinho, um mestre de obras. O “ganha-pão” de sua mãe vinha de sua atividade de “lavar roupa de ganho”. Foi esse “ganha-pão” que permitiu a Dona Edite criar os seus cinco filhos. Ela superou os obstáculos materiais — que pareciam intransponíveis — e, dotada de um espírito empreendedor e cheio de energia positiva, forjou o caráter dos cinco filhos, mas explorou bem a potencialidade de um deles, o único varão, dando-lhe sempre o estímulo necessário, a partir da célebre sentença: meu filho estuda pra vencer na vida. E esse filho, Edvaldo Brito, não teve outra conduta, senão a de um eterno estudioso, certo de que a orientação materna seria, sempre como tem sido, a chave do seu sucesso. O advogado e professor Edvaldo Brito vive, até hoje, venerando essa mãe, por dizer que ela ilumina o caminho que trilha, uma vez que lhe recorda a memória em tudo que ele realiza, desde aquele longínquo março de 1954, quando ela o fez viajar, em uma segunda classe do vapor que singrava as águas do rio Paraguaçu entre Cachoeira e Salvador, onde deveria concluir o curso pré-universitário, após os quatro anos de ginásio completados naquela histórica cidade.

Já em Salvador, Edvaldo Brito começou a trabalhar como “boy” de escritório e vira mensageiro do Professor Albérico Fraga, Catedrático de Direito Judiciário Civil da Faculdade de Direito da UFBA. No trabalho de mensageiro, visitou muitas personalidades, uma das quais o jurista Professor Catedrático de Direito Civil da UFBA Orlando Gomes, cuja vasta obra jurídica está, agora, sendo atualizada sob a sua coordenação. Marcam a vida de Edvaldo Brito, em con-



sequência desses contatos, as figuras de três renomados professores aos quais toma como os seus grandes mestres: Albérico Fraga, Orlando Gomes e Aliomar Baleeiro, este último o seu orientador da tese que defendeu para ingresso no magistério da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, há trinta anos. Na Faculdade, além de professor de Direito Tributário no curso de graduação, Edvaldo Brito leciona há 23 anos no curso de pós-graduação, Mestrado e Doutorado as disciplinas: Direito Tributário, Direito Constitucional da Ordem Econômica e Teoria Geral do Direito. É também Professor Emérito da centenária Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, onde leciona Direito das Obrigações. Conta, entre os seus títulos, o de Mestre em Direito Econômico pela Universidade Federal da Bahia, e o de Doutor em Direito Tributário pela tradicional Universidade de São Paulo, em cuja Faculdade de Direito é, por concurso público de títulos e de provas, Professor Livre-Do-cente de Direito Tributário. Edvaldo Brito foi agraciado no país e no exterior por dezenas de honrarias, dentre as quais destacamos: Grande Oficial da Ordem do Mérito do Estado da Bahia, Medalha Tomé de Souza, Cavaleiro da Ordem Nacional da Nigéria, Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito da Costa do Marfim, Diploma Azeviche do Ilê Aiyê e Sócio Benemérito dos Filhos de Ghandy.

Ele é membro de dezenas de associações científicas, culturais e profissionais, como a Associação Brasileira de Preservação da Cultura Africana no Brasil, Associação Brasileira de Direito Financeiro, Academia Internacional de Direito e Economia e Academia de Letras Jurídicas da Bahia.

A sua vida religiosa, no culto aos orixás, recolhe a sua devoção ao seu, que é Ogum, e lhe faz ocupante, hoje, do

alto posto de “Baba Egbe” do “Ilê Omin, Axé lyamasse”, o Terreiro do Gantois.

Edvaldo Brito já ocupou diversos cargos da administração pública: foi Prefeito Municipal da Cidade do Salvador, Secretário de Estado da Justiça; Secretário Interino da Educação e Cultura; Secretário de Estado substituto da Saúde Pública e Assistência Social (todos na Bahia) e Secretário dos Negócios Jurídicos, na Capital do Estado de São Paulo.

13. Matilde, ministra

A Ministra Matilde costuma dizer que esta expressão soa aos ouvidos como uma música, mas passada a surpresa é hora de encarar a realidade. “Como é bom saber que podemos furar os cercos e vencer barreiras, neste Brasil tão desigual”.

Matilde, hoje Ministra, nasceu em Florida Paulista e viveu seus primeiros anos em Adamantina, até que seus pais resolveram tentar a vida na cidade grande e mudaram-se para Osasco, na grande São Paulo. Depois, foram morar na Zona Oeste de São Paulo – em Pinheiros, Lapa e Pirituba. Nos anos 1990, ela fincou bandeira em Santo André, tornou-se andreense, definindo-se “paulista de coração voltado para o mundo”.

Seu primeiro emprego, de carteira assinada, tornando-a uma operária, acontece aos 14 anos, depois de cuidar de crianças, fazer bico em casas alheias e trabalhar em pequenas mercearias. Foi recepcionista, auxiliar administrativa e ajudava no orçamento familiar. Perdeu a mãe muito cedo. “Ficamos nós, as meninas e meu pai”.

Hoje, o pai também se foi e ela diz: “Somos nós, as meninas, minha madrasta”. Todas trabalhando e fazendo surgir

novas perspectivas. Não havia referências de estudo na família. Mãe, pai, tios, tias, primos e primas tinham estudado pouco ou quase nada.

A Ministra Matilde entra na Universidade, na PUC-São Paulo, onde fez graduação em Serviço Social e Mestrado em Psicologia Social e hoje é doutoranda em Serviço Social. Todo o seu processo de estudo caminha junto com a militância no movimento negro, no movimento feminista e no Partido dos Trabalhadores (PT).

No seu trabalho de assistente social, trabalhou em ONGs e no Setor Público. Atuou na Prefeitura de Santo André, nas Faculdades Metropolitanas Unidas, no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, e no CEERT - Centro de Estudos Sobre Trabalho e Desigualdades.

Na especificidade da sua militância, esteve em várias frentes: fez parte do grupo fundador da Soweto; atuou no Fórum de Mulheres Paulistas e Brasileiras; no Movimento Negro e em Fóruns Paulistas e Nacionais.

No PT, esteve sempre em Comissões e Secretarias de Mulheres e de Negros e integrou a primeira gestão da secretaria nacional, de combate ao racismo do PT. Em todos os lugares, continua aprofundando as reflexões de gênero e de raça. Militante, educadora popular, poeta, assistente social: Ministra, Matilde Ribeiro.

14. Ubiratan Castro

Nascido na Baía de Todos os Santos, o nosso homenageado pertence à geração dos estudantes de 68. Derrubar as prateleiras, as estátuas e as estantes de uma cultura brasileira conservadora, careta, excludente — o que bem merece é deixar o ruim de lado: era essa a ousadia da sua geração.

Na unidade da diversidade da cultura brasileira, assim como na reconstrução do estado, ele deseja dar uma chance para que a cultura produzida pelo povo negro participe igualmente como fundadora de uma cultura nacional, negra, popular e brasileira.

Graduado em Direito e História, cursou o mestrado na Universidade de Paris X e o doutorado em História na Universidade de Paris IV. Durante vinte anos foi um ativo colaborador da Universidade Federal da Bahia: Coordenador do Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea de 1983 a 1986, Coordenador do mestrado em Ciências Sociais de 1986 a 1988 e do mestrado em História de 1986 a 1993. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA, foi orientador de várias dissertações e teses.

É autor dos livros “A Guerra da Bahia” e “Salvador era assim: Memórias da cidade”, bem como de diversos artigos, capítulos, resenhas, comentários e ensaios. De 1999 a 2003, foi o diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais, de onde saiu para assumir a presidência da Fundação Cultural Palmares. Para ele, honrar o passado é construir o futuro com coragem. O futuro é o reflorescimento do quilombo dos Palmares no coração da República — rebelde, altaneiro, abrindo caminhos para a plena cidadania da população negra.

Estabelecer a igualdade racial e promover a reparação de todos os danos resultantes do racismo e das intolerâncias conexas através da militância cultural; preservar as nossas comunidades de memória; apoiar todos os grupos, entidades e indivíduos produtores de uma cultura negra libertária; proclamar para toda a sociedade brasileira o valor da cultura negra brasileira no processo civilizatório do país:

eis a missão estratégica para a qual foi chamado. Como brasileiro e como historiador, o nosso homenageado se entusiasma com a iniciativa de estabelecimento, pelo presidente Lula, de um novo pacto fundador do estado nacional brasileiro que supere o velho modelo de estado, construído pelo acordo entre as elites, as conservadoras e as progressistas, as do norte e as do sul, as industriais e as agrárias, para instituir um novo pacto de poder do qual participem todas as classes e todos os grupos sociais, de todas as regiões e de todos os interesses deste país, inclusive os do povo negro brasileiro. Como historiador, o nosso homenageado registra que, já em 1798, por ocasião do Movimento Democrático da Bahia, também conhecido como Revolução dos Alfaiates ou Revolta dos Búzios, afirmava o soldado mártir Lucas Dantas: “Para nós, negros, só nos interessa a República”. Hoje, como ontem, só nos interessa um regime em que todos sejam efetivamente iguais perante um estado capaz de promover a erradicação de todas as formas de racismo, discriminação e intolerâncias correlatas.

Maior é o seu entusiasmo por ter sido chamado a dar a sua contribuição para a afirmação e consolidação da Fundação Cultural Palmares. Criada pelo impulso do Movimento Negro brasileiro, a Palmares foi a primeira resposta institucional do Estado brasileiro às demandas de igualdade do povo negro no Brasil. Rebelde sempre, o nosso homenageado manifesta com veemência sua inconformidade com o cerco político e administrativo que se estabeleceu contra o nosso quilombo de Brasília, o que tem impedido a consecução de sua missão institucional pela redução progressiva de suas dotações orçamentárias e pelas restrições impostas ao seu quadro de pessoal.

Para ele, muitos são os compromissos da Palmares, e o primeiro deles é a preservação e desenvolvimento das comunidades remanescentes de quilombos. Será também prioridade da Palmares a promoção e o desenvolvimento dos quilombos culturais contemporâneos, das comunidades de memória onde a tradição negra brasileira é preservada e constantemente atualizada, dos quais as comunidades religiosas de tradição afro-brasileira são, hoje, o exemplo mais eloquente. Outro compromisso prioritário da Fundação Palmares é com a juventude negra do Brasil.

Memória, identidade e auto-estima da porta para dentro, conscientização e educação da porta para fora, tradição e modernidade: eis o desafio contemporâneo assumido pelo nosso homenageado.

15. Luiz Alberto - deputado federal (PT/BA)

*Chega de eleger aqueles que têm/ Se o poder é muito bom/
Eu quero poder também. ("ALIENAÇÃO", DE MARIO PAM E
SANDRO TELES).*

Persistência, resistência, integridade e honestidade são algumas marcas da trajetória política do Deputado Federal Luiz Alberto. Como muitos negros brasileiros, ele é um sobrevivente em luta constante para ser "um instrumento da raça". Nascido em Maragogipe, ainda adolescente veio para Salvador, determinado a estudar. Tornou-se morador da Liberdade (Av. Peixe), onde, longe da família, teve que trabalhar para se sustentar, ultrapassar muitos obstáculos e concluir o antigo ginásio no Colégio Duque de Caxias. Em seguida, terminou o segundo grau na Escola Técnica de

Comércio Colégio Carneiro Ribeiro. A partir dos anos 1970, Luiz Alberto se empenhou na organização de associações de moradores e na participação em movimentos populares e sindicatos em diversos bairros de Salvador. Nesse período, ingressou na Petrobras como vigilante, depois passou a técnico-químico e, atualmente, é petroleiro aposentado e dirigente sindical. Ele acompanhou de perto, como morador da Liberdade, o nascimento do Bloco Afro Ilê Aiyê. Naquele intenso período de afirmação do movimento negro brasileiro, foi um dos mais ativos militantes e fundadores do Movimento Negro Unificado (MNU), organização da qual é militante. Nos anos 1980, já como petroleiro, ajudou a organizar a oposição sindical, sendo um dos fundadores da CUT (Central Única dos Trabalhadores), ao mesmo tempo em que atuava intensamente no Partido dos Trabalhadores (PT), do qual também foi um dos fundadores. Já em 1997, tornou-se o primeiro deputado federal negro eleito pela Bahia, totalmente comprometido com as reivindicações dos afro-brasileiros, e também o primeiro a ser nomeado vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal.

Desde 2000, de forma contínua, é um dos representantes da Bahia na Câmara dos Deputados, onde criou o Núcleo de Parlamentares Negros do PT. Luiz Alberto destaca-se pela prioridade dada às lutas dos trabalhadores e trabalhadoras de diversas categorias, em especial pelo compromisso inatacável com a promoção da igualdade racial. O apoio aos movimentos sociais é uma prioridade na sua atuação, incluindo remanescentes de quilombos, trabalhadoras domésticas, trabalhadores e trabalhadoras da Petrobras, sindicatos, trabalhadores sem-terra e sem teto, mulheres, juventude e o movimento negro.

Em 2002, reuniu pela primeira vez os parlamentares negros do Brasil num Encontro Nacional, em Salvador. Em 2003, propôs a criação da Frente Parlamentar em Defesa da Igualdade Racial, da qual é Presidente, avançando na atuação internacional que articula africanos e seus descendentes na diáspora. No mesmo ano, idealizou e realizou o I Encontro de Parlamentares Negros e Negras das Américas e do Caribe, em Brasília. E teve participação ativa no II Encontro, realizado na Colômbia. Ainda em 2003, foi articulador da parceria entre o Ilê Aiyê e a Petrobras, que resultou na finalização das obras do Centro Cultural Senzala do Barro Preto.

Como parlamentar negro, profundamente envolvido com a questão racial no Brasil e no mundo, Luiz Alberto já esteve em diversos países. Nessa luta, visitou Moçambique, Angola, África do Sul, Namíbia, São Tomé e Príncipe, Argélia, Estados Unidos, Chile, Suíça, Itália e Colômbia. Autor do Projeto de Lei Complementar 217/2001, que cria o Fundo Nacional para o Desenvolvimento de Ações Afirmativas, projeto integrado ao texto do Estatuto da Igualdade Racial — que não é de sua autoria, mas defende como se fosse —, Luiz Alberto é um dos mais ferrenhos promotores de ações que concretizem, de forma efetiva e contínua, a igualdade de oportunidades no Brasil. Ele acredita que a evolução da raça pode abalar o mundo.

16. Reginaldo da Silva Germano

Nascido no Rio de Janeiro em 21 de setembro de 1954, o radialista Reginaldo da Silva Germano é hoje Deputado Federal representando a Bahia pelo PP, mandato que conquistou em 2002, na legenda do PFL. Em 1998, concorreu à eleição pelo

PNDB, assumindo como suplente em 4 de fevereiro de 1999, já no PFL, sendo efetivado em 20 de novembro de 2000.

Acadêmico de Direito, o Deputado Federal Reginaldo Germano é casado com Maria das Graças de Oliveira Appolinário Germano, com quem tem quatro filhos: Daniela, Reginaldo, Leandro e Leonardo. As suas filiações partidárias foram: PMDB, de 1997-1998; PFL, de 1999-2004; e PP, em 2004. Confira abaixo as suas atividades parlamentares e as missões oficiais que participou.

ATIVIDADES PARLAMENTARES

CÂMARA DOS DEPUTADOS — COMISSÕES PERMANENTES: Agricultura e Política Rural: Suplente; Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática: Titular; Constituição e Justiça e de Redação: Titular e Suplente; Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias: Titular; Direitos Humanos: Titular; Relações Exteriores e de Defesa Nacional: Titular; Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado: Suplente.

COMISSÕES ESPECIAIS: Combate à Violência: Suplente; Reforma da Previdência: Suplente; PEC nº 40/03, Reforma da Previdência: Suplente; PEC nº 151/95, Segurança Pública: Suplente; PL nº 3.198/00, Estatuto da Igualdade Racial: Relator e Titular; PL nº 4.828/98, Produção, Comércio e Fiscalização de Sementes: Suplente; PLP nº 167/00, Estatuto da Terra: Suplente; Reforma Política: Suplente.

COMISSÕES EXTERNAS

Conferência Mundial de Combate ao Racismo: Relator e Titular; Morte do Ex-Presidente João Goulart: Presidente e Titular; CPI: Avanço e Impunidade do Narcotráfico: Titular;

Pirataria de Produtos Industrializados: Titular; Tortura e Maus Tratos: Primeiro-Vice-Presidente e Titular.

MISSÕES OFICIAIS

Representante da Câmara dos Deputados: como Membro da CPI Avanço e impunidade do Narcotráfico em viagem ao Estado de Mato Grosso para realização de diligências, 1999; para participar da Conferência Preparatória das Américas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Santiago, Chile, 2000; como Membro da Comissão Externa sobre a Morte do Ex-Presidente João Goulart, para participar de diligências, Buenos Aires, Argentina, 2001; e no Programa do visitante Voluntário, Washington DC, Atlanta e Chapel Hill, Nova York, EUA, 2001.

17. Valmir Assunção, liderança popular da Bahia do século XXI

Sou de descendência africana/Respeito a minha ancestralidade / De Zumbi a Mandela (CHÃO SAGRADO" DE MARITO LIMA, MILTON BOQUINHA E ROBERTO MOURA).

Valmir Carlos Assunção é Deputado Estadual na Bahia a partir de 4 de janeiro de 2005.

Sua biografia, das mais ricas entre os que atuam na cena política da Bahia hoje, é construída entre os desafios do cotidiano a partir do Distrito de Nova Alegria, no Município de Itamaraju, extremo sul da Bahia, onde nasceu a 17 de dezembro de 1965.

De vendedor de jaca, quebra-queixo, peixe-pão, exerceu o ofício de pedreiro e de encanador e, na esperança de uma

vida melhor, enfrentou o novo desafio de botar o pé na estrada em direção a São Paulo, retornando definitivamente com novas aprendizagens em 1984, tendo constatado as misérias e contradições da cidade grande.

Todo o acúmulo de sua experiência se transforma numa prática de humanismo e ideário socialista que se concretiza em sua prática no Movimento Sem Terra. No historicamente revolucionário e respeitado MST, Valmir Assunção ingressa em setembro de 1987 e torna-se liderança da linha de frente, representando o movimento no Brasil e no exterior, em diversos países. Sua inserção vai se firmando cada vez mais com a ascensão do Movimento de Massas no campo, com os sem-terra “partindo pro pau” e resistindo de forma organizada por todo o país. Valmir Assunção articula suas lutas sempre em lugares nobres como o parlamento, para o qual foi eleito com mais de 24 mil votos, ficando na primeira suplência. Hoje é titular na Câmara Estadual, assumindo a vaga de Moema Gramacho; é membro do MST, do Partido dos Trabalhadores (PT); no exercício do solidarismo cristão nas comunidades Eclesiais de Base - as CEBs, espaço de reflexões, socialização política e organização popular, iluminados pelos princípios da Teologia da Libertação; participa de processos de articulação para composição da Direção Nacional da CUT e para a presidência dos Trabalhadores Rurais da Bahia - a FETAG, sem perder de vista a estreita relação com a CPT - Comissão Pastoral da Terra. Privilegiado por características singulares, Valmir Assunção é liderança de projeção nacional por sua efetiva contribuição à construção do Movimento Social e Político na Bahia, com as características de um Estado marcado por forças retrógradas, oligár-

quicas, racistas, latifundiárias, truculentas, militarizadas e influentes no Poder Judiciário para sujeitar e intimidar as classes subalternas.

Valmir Assunção se distingue por sua lucidez, capacidade de reflexão e questionamento originais, o que se reflete na prática de um mandato que “põe o dedo na ferida” e incomoda as elites dominantes, que não suportam a ideia de um excluído, inconformista das injustiças, furar os bloqueios e engajar-se na luta pela ordem capitalista, propondo alternativas para a construção de uma Nova Sociedade. Valmir Assunção é comprometido com o presente e o futuro dos movimentos pela libertação nacional.

18. Maria Olívia Santana

Eu quero ela/O poder dessa cidade bela/Quem me dera/
Odara... (“AFIRMAÇÃO AO PODER”, DE ROBERTO CRUZ, JUCKA MANEIRO E SANDOVAL).

Filha de mãe empregada doméstica e pai marceneiro, Maria Olívia Santana aprendeu desde cedo que os estudos eram o único caminho de ascensão para os negros. Quando criança, ajudava nas despesas da casa fazendo pequenos bicos como “aguadeira” — levava água nas casas das pessoas — e ganhava uns trocados pelo trabalho. Aos 14 anos, foi trabalhar como servente em uma escolinha particular. Este foi o pontapé para a escolha da sua carreira. Depois do 2º grau, prestou vestibular, sem ter feito cursinho, estudava com os módulos velhos da filha da dona da escola e foi aprovada para Pedagogia na Universidade Federal da Bahia – UFBA. Começava aí a sua história política.

PARTICIPAÇÃO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL E CRIAÇÃO DA UNEGRO

Desde os 15 anos é integrante do Movimento Estudantil. Entrou na Universidade em 1987 e ajudou a fundar a “Juventude Negra” dentro da UFBA. Assumiu a luta contra o racismo junto com outros colegas acadêmicos, formando um núcleo anti-racismo na Universidade. Em 1988, contribui para a criação da UNEGRO — União de Negros pela Igualdade —, entidade da qual faz parte até hoje, atuando na coordenação executiva nacional. Em 1992, formou-se em Pedagogia.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

Atuou na capacitação de professores da rede pública municipal e de escolas comunitárias de bairros periféricos e populares de Salvador, foi técnica pedagógica do Centro de Educação e Cultura Popular (CECUP), trabalhou com crianças portadoras de necessidades especiais de aprendizagem, chegando a ser sócia fundadora da Associação para o Desenvolvimento da Educação Especial (ADEP), foi técnica educacional do Liceu de Artes e Ofícios e uma das coordenadoras pedagógicas da Casa Via Magia, uma das mais importantes experiências com Arte e Educação do Brasil.

ENCONTROS, PALESTRAS, CONFERÊNCIAS

Olívia Santana realiza palestras, conferências, participa e promove encontros e congressos no plano local e internacional, e desenvolve continuamente a luta contra o racismo e as desigualdades sociais e de gênero.

Participou do Encontro de Mulheres Afrocaribenhas e Afrolatino-americanas, em 1996, na Costa Rica. Foi bolsista do programa da Agency United States Information,

realizando intercâmbio com 33 organizações do Movimento Negro e de mulheres dos Estados Unidos. Em 2000, fez um ciclo de palestras em diversas instituições americanas, dentre elas, a Universidade de New York, sobre a presença negra na formação da sociedade brasileira e os impactos do racismo nas novas gerações. Esteve presente na Conferência de Durban, África do Sul, em 2001. Integrou o trio de oradores brasileiros que fizeram uma denúncia formal sobre o racismo no Brasil. Falou para os chefes de governo dos principais países do mundo. Em 2002, participou da Conferência Nacional da Mulher e foi presença constante em todos os encontros nacionais de mulheres negras. No ano seguinte (2003), assumiu uma cadeira na Câmara Municipal de Salvador.

AÇÃO PARLAMENTAR

Como Vereadora, presidiu a Comissão dos Direitos do Cidadão da Câmara Municipal e foi membro atuante das comissões dos Direitos da Mulher, Educação, Orçamento, Transporte, Planejamento e Reforma da Previdência. Dentre os seus projetos, criou o dia Municipal de Combate à Intolerância Religiosa, o 21 de janeiro, e a medalha de honra Zumbi dos Palmares, mudando a história de honrarias da Câmara Municipal, que nunca tinha tido em sua galeria uma honraria negra.

Olívia Santana exerceu o cargo de Secretária Municipal da Educação e Cultura de Salvador. Realizações: políticas de valorização do ensino público e dos profissionais ligados à área e à democratização de acesso à educação. Nos primeiros meses de gestão, fez o lançamento, para toda a rede municipal, das Diretrizes e Bases da

Lei 10.639/03 — lei que determina a obrigatoriedade de inclusão nos currículos escolares de ensino de História da África e Cultura afro-brasileira, alterando o perfil da educação pública de Salvador.

19. Gilmar Santiago

Ilê Aiyê/ Esperança soberana/ Liberdade é a minha casa/
Curuzu é a minha ala (“NEGRO ALEGRE”, DE JOEL E ALDO
NASCIMENTO).

O Secretário Municipal da Reparação, Gilmar Santiago, tinha a certeza de que o desfile do Ilê Aiyê no Carnaval de 2006 estimularia na sociedade o debate sobre a importância da conquista de espaços de poder e decisão pelos afrodescendentes, para que estes pudessem contribuir para a formulação de novos paradigmas civilizatórios.

Gilmar Santiago é filho de pai e mãe nascidos em Cachoeira e Santo Amaro da Purificação. Ele nasceu no Bom Juá, um dos bairros de periferia que tem maior concentração de afrodescendentes da cidade. Na juventude, Gilmar participou do Movimento de Cultura Popular, das lutas por melhorias para o bairro e da construção da Escola Independente de Bom Juá. O trabalho à frente da escola comunitária, fruto da crença de Gilmar e de outros companheiros na transformação através da educação, recebeu importantes prêmios e reconhecimento internacional.

Funcionário da EMBASA, Gilmar Santiago é fundador e atual diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Água e Esgoto (Sindae), que se destaca na luta contra a privatização da água e pela qualidade dos serviços de saneamento.

Ele assumiu o mandato de vereador em fevereiro de 2003, ocupando a liderança do PT e, em 2004, tornou-se o líder do Bloco de Oposição da Câmara Municipal. Dando continuidade à sua trajetória de luta pelas causas sociais, ao assumir o mandato, Gilmar elegeu como uma das prioridades da sua atuação parlamentar a luta antirracista. Dentre os projetos apresentados por Gilmar e aprovados na Câmara, nasce o Conselho Municipal dos Direitos Humanos. Outras iniciativas de Gilmar Santiago na Câmara Municipal em defesa do povo negro de Salvador foram o Título de Utilidade Pública em terreiros de Candomblé Ilê Axé Iyá Nassó Oka (Casa Branca) e Manso Dandalunga Cocuazenza, espaços sagrados de culto e preservação do patrimônio e da religiosidade afro-brasileira. É de Gilmar também a indicação para que a estação do Metrô construída no Campo da Pólvora - Nazaré, seja denominada “Estação Malê”.

Gilmar Santiago foi autor também da indicação ao Prefeito de Salvador para a criação da Secretaria Municipal da Reparação, para atender a uma antiga reivindicação do povo negro de ter representação nas instâncias de poder desta cidade. Esta indicação foi aprovada em sessão na Câmara e foi entregue ao então prefeito Antônio Imbassahy.

Pelo reconhecimento da sua contribuição para a luta antirracista, em janeiro de 2005, Gilmar Santiago assume a Secretaria Municipal da Reparação, uma das pastas consideradas fundamentais para o objetivo do Prefeito João Henrique de fazer um governo democrático, participativo e que elimine as desigualdades dessa cidade.

20. Benedita da Silva

Benedita da Silva, Ministra. Benedita da Silva, Governadora. Benedita da Silva, Senadora. Benedita da Silva, Deputada Federal. Benedita da Silva, Vereadora.

Benedita da Silva nasceu no Rio de Janeiro, na favela do Pinto. Fez sua primeira mudança para o Morro do Chapéu Mangueira, no Leme, onde passou 57 anos. Assistente Social e licenciada em Estudos Sociais, é fundadora e 1ª Presidente do Departamento Feminino do Morro do Chapéu Mangueira.

Benedita da Silva organizou o 1º e o 2º Encontro de Mulheres de Favelas e Periferias do Rio de Janeiro e foi a presidente da Conferência Nacional de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Primeira mulher negra a ocupar uma vaga no Senado, Benedita da Silva foi eleita com dois milhões e duzentos mil votos.

Assim se expressou a mídia carioca quando da chegada de Benedita da Silva ao Palácio Guanabara para ser governadora do Rio de Janeiro: “primeira mulher negra a governar o Rio de Janeiro, a ex-favelada Benedita da Silva deixa no passado as feijoadas no Morro do Chapéu Mangueira, no Leme. Muda-se com o marido, o ator Antônio Pitanga, para o palácio construído no século passado pela família Guinle, a mais tradicional representante da elite carioca”.

Quando assumiu seu mandato de governadora, convidou para compartilhar esse mandato profissionais negros de reconhecida competência, “aplaudidos pela mídia com as referências pejorativas que diziam: “Governadora coloca sete negros no Primeiro Escalão”. “Priorização da escola pela Raça”. “Benedita escolheu sete negros para governar com ela o Rio de Janeiro”.

O seu objetivo maior era valorizar funcionários competentes e experientes de carreira, incluir representações da Sociedade Civil com recorte de gênero e etnia, o que busca a superação de 500 anos de ausência do negro e da mulher nas esferas do poder, do prestígio, do reconhecimento de dignidades e direitos fundamentais.

Benedita deu a volta no destino que o Chapéu Mangueira assegurava a todas as mulheres ali nascidas sem direitos, marcadas por um cotidiano já conhecido, cantado em prosa e verso, destino de meninas pobres, negras, que nascem na favela e dali quase sempre saem para uma trajetória tecida ponto a ponto de exclusão, de desigualdade, de pobreza e de escassez.

De Vereadora a Deputada Federal, Senadora, Vice-Governadora, Governadora e Ministra de Estado de onde saiu para alçar novos voos para o mundo. Benedita estadista, mãe, mulher, ativista, profissional. O Brasil sabe quem Ela é.

21. Edson Arantes do Nascimento - Pelé

Hoje somos referência/ Negros em evidência / Capacitados, político-cultural "AFIRMAÇÃO AO PODER", DE ROBERTO CRUZ, JUCKA MANEIRO E SANDOVAL

“Sempre disse que não sou de carregar bandeiras, menos ainda as que querem botar nas minhas mãos. Tenho consciência que se posso fazer alguma coisa pela minha raça é através do esporte, como eu fiz. Foi agindo da maneira como eu agi. (...). Aonde eu vou, onde eu entro, é um negro que está entrando lá. Se é um lugar onde negro antes não entrava, então entrou o Pelé, a porta está aberta, o precedente também”.

Nascido em 23 de outubro 1940, na cidade mineira de Três Corações, Pelé assumiu na década de sessenta, do século vinte, o manto de Didi, outro genial atleta negro brasileiro. De Minas Gerais, Pelé, ainda criança, foi para a cidade de Bauru, em São Paulo. Nesta cidade paulista ele começou a sua carreira no time amador do Bauru Atlético Clube. Aos 16 anos, Pelé rumou para a cidade de Santos com o ex-jogador Waldemar de Brito. Nesta cidade, passou a residir, em pensão, com outros atletas em formação no Santos Futebol Clube. Em sua estreia no Santos, participou de um amistoso contra o Corinthians de Santo André, em 07 de setembro de 1956. Pelé fez seu primeiro gol neste clube, onde atuou por mais de duas décadas. Depois de encerrada a sua carreira de futebol no Brasil, vai para os Estados Unidos jogar e ensinar futebol no Cosmos. Na primeira partida oficial com a camisa do time norte-americano, em 15 de maio de 1975, assinala um dos tentos da equipe. Além do Santos e Cosmos, Pelé, em jogos de exibição, atuou pelo Vasco da Gama, pelo Flamengo e pela seleção da Nigéria. Ele reinou soberano no futebol por duas décadas, as de 1960 e 1970, e embora seja o quarto astro a surgir no futebol brasileiro, fica com o primeiro lugar entre os maiores do Brasil por uma série de motivos: o primeiro deles é o fato de ser um atleta completo, que lhe rendeu o título de “atleta do século XX”. No futebol, Pelé reunia em si todos os quesitos, pois chutava com os dois pés, cabeceava, lançava, arrematava, defendia, atacava, batia faltas, escanteios, efetuava a marcação, tudo isso somado a uma fantástica explosão muscular, agilidade, velocidade e visão periférica superior a dos humanos normais que, associada a um golpe de vista, tornava-o um “olhos de lince”. Além disso tudo, fazia gols,



muitos gols. Oficialmente, são 1199 gols marcados. Pelo Santos: 1086; Seleção brasileira: 95; Seleção Paulista: 11; combinando Vasco e Santos: 6; e um gol pela Seleção do Sudeste. Considerando-se gols marcados em partidas amadoras e não-oficiais, a marca passa para 1281 gols, pois aí se acrescentam 11 gols marcados pela seleção da Guarda Costeira, seis pela seleção das Forças Armadas, um pela seleção dos amigos de Garrincha e 65 pelo Cosmos de Nova Iorque, pela liga dos EUA que na época não era filiada à FIFA.

Pelé chegou à seleção brasileira com apenas 17 anos. Fez sua estréia no dia 7 de julho de 1957, jogando contra a seleção da Argentina no Rio de Janeiro, marcando neste jogo seu primeiro gol pela seleção. No ano seguinte, 1958, já era campeão mundial, onde deixou dois gols que ficaram entre os dez gols mais bonitos de todas as copas, em eleição realizada em 2002.

Em 19 de novembro de 1969, o “Rei do Futebol” marca o milésimo gol de sua carreira ao cobrar um pênalti contra a equipe do Vasco da Gama, no Maracanã. Após a marcação desse gol, Pelé apanhou a bola no fundo das redes e, depois de beijá-la, dedicou o feito às crianças carentes, pedindo mais atenção das autoridades nessa questão.

No dia 1º de janeiro de 1995, Pelé é nomeado Ministro Extraordinário dos Esportes pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, sendo o primeiro Ministro negro da História do Brasil. Foi quando Ministro dos Esportes que Pelé criou a lei que facultava a clubes de todos os esportes fazerem suas próprias ligas independentes das confederações e federações. A Lei Pelé também acabou com a vergonha do passe do jogador profissional de futebol, um resquício escravista que a Lei Zico não tinha abolido.

21. Ivete Sacramento

Longa trajetória/ Descortinando a história / Um marco de luta/ um fato real/ Hoje somos referência "AFIRMAÇÃO AO PODER", DE ROBERTO CRUZ, JUCKA MANEIROE SANDOVAL

Magnífica Reitora! Eleita pelo voto direto da comunidade acadêmica, por dois mandatos consecutivos, para guiar os destinos da primeira Universidade multi-campi do Estado da Bahia, a professora Ivete Sacramento tem uma história de luta comprometida com a promoção do conhecimento, dos direitos humanos e do combate ao racismo.

Comendadora da Ordem do Mérito do Estado da Bahia, Cavalheira, Presidente do Fórum de Reitores do Estado da Bahia, de primeira Secretária do Movimento Negro Unificado à primeira negra brasileira Reitora de uma Universidade, presidiu corajosamente o Conselho Universitário da UNEB quando este implantou a Ação Afirmativa de reserva de 40% de vagas para negros que vêm de Escolas Públicas, na graduação e nos cursos de pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia.

Pessoa de Distinção pela municipalidade de Kalamazoo. Foi premiada com o Troféu Zumbi dos Palmares e o Troféu Clementina de Jesus.

Filha de Expedito Braz do Sacramento e Valdelice Alves do Sacramento, Ivete é nascida na Bahia, na cidade de Salvador, filha de uma família baiana privilegiada, em condições sociais, valores, princípios e reconhecimento pela sua própria comunidade.

Mestre em Educação pela Université Du Quebec à Montreal, licenciada em Letras, Professora de Língua

Portuguesa e Literatura Brasileira, ganhadora do prêmio de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, responsável pela inserção da Universidade do Estado da Bahia nas comunidade vizinhas dos Multi-Campi, aproximando-se dos movimentos sociais locais, realizando trabalho conjunto com a sociedade civil.

Criou a Rede Uneb 2000. Possibilitou o funcionamento de curso pré-vestibular para afro-descendentes criado pelo Instituto Cultural Steve Biko. Ampliou as possibilidades de cursos, treinamento e atendimento através da UATI - Universidade Aberta à Terceira Idade, hoje com 600 alunos. Cuida de adolescentes em situação de risco e pessoas com deficiências, possibilitando acesso a treinamento, esporte e lazer.

A professora Ivete Sacramento foi membro da Comissão de Revisão da Política Nacional de Direitos Humanos, Membro do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado da Bahia, Conselheira do Fórum das Filhas de Ghandy, sócia da Sociedade Protetora dos Desvalidos, Consultora de APHON, Membro do Conselho de Administração da Uneb, Membro da Casa de Angola, diretora Pro-Tempore do CETEB, mulher, mãe, profissional de conhecimentos múltiplos, social e afetivamente reconhecida, laureada, representante de diferentes setores da sociedade civil, da sociedade do conhecimento, de diferentes níveis e estruturas de Poder e saber.

22. Arany Santana Santos

Arany a força da negra afro-brasileira/ que amamenta os filhos na labuta, seu suor e sangue/ Mas não se rendem, mas não se vendem "FORÇA AFRO-BRASILEIRA" DE MARQUINHOS MARQUES, JORGE GARCIA E ED JR.

Arany Santana Santos nasceu a 12 de outubro de 1951 no município de Amargosa. Filha de Áurea Santana dos Santos e Rogaciano dos Santos, enquanto quarta filha do casal, dividia com os demais seis irmãos — ao todo, são dois homens e cinco mulheres — a experiência do incentivo a que fosse sempre em busca do aperfeiçoamento do saber, estudar, conhecer, afinal, dizia-lhe o pai: “tão racista era a cidade de Amargosa”.

Graduou-se em Letras Vernáculas com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal da Bahia. Em seguida, graduou-se em Artes Cênicas também pela supracitada universidade. Desde a sua infância em Amargosa, sempre gostara de arte, em suas expressões diversas.

A 13 de maio de 1978 fundou, ao lado de pessoas como Abdias do Nascimento, Clyde Morgan etc., o Movimento Negro Unificado seção Bahia, nos porões da atual sede da Prefeitura Municipal de Salvador. Após um ano, em face de uma ruptura com o Movimento Negro, fundou a Frente Negra Feminina, com a qual também rompeu, a fim de obter uma maior liberdade de ação e pensamento. Estabeleceu-se diretora do Ilê Aiyê desde 1985. No ano de 1987, especializou-se em História da África no Centro de Estudos Afro-Orientais.

Assumiu cargos públicos nas secretarias municipal e estadual da educação, em que pôde participar da elaboração das diretrizes curriculares para o ensino da Educação Artística e da introdução da História da África nos cursos de 1º e 2º graus da rede pública de ensino, bem como pôde assessorar a Secretaria Estadual da Educação para assuntos afros. Foi conselheira, em 1991, do Conselho para o Desenvolvimento da Comunidade Negra. Atua como professora da rede estadual de ensino há 31 anos.

A 18 de dezembro de 2004 foi pioneira no Brasil ao inaugurar como secretária a Secretaria Municipal da Reparação. Como atriz participou de 18 espetáculos teatrais, fez a minissérie “Mãe de Santo”, da Rede Manchete, e o filme “A Guerra de Canudos”. Foi apresentadora do Programa Beleza Black (1988), da TV Itapoan, e é apresentadora da Beleza Negra do Ilê Aiyê desde 1986.

Arany também foi Conferencista do 3º Encontro Mundial de Dança em São Francisco, na Califórnia (EUA) e Conselheira e Consultora do CRIA - Centro de Referência para a Infância e Adolescência. Tem sido agraciada por trabalhos realizados nas áreas da educação, arte e divulgação da Cultura Negra, a exemplo de: Medalha 2 de Julho, da Prefeitura Municipal do Salvador; Troféu UJAAMA (Olodum 2005); Troféu UJAAMA (Olodum-97); Mulher Destaque Prêmio Itaú Unicef, em 1996; Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê; Diploma “Destaque Mulher” em 1998 e 2002 pela Assembleia Legislativa da Bahia; Troféu Clementina de Jesus (pela UNEGRO-1995) pelos trabalhos realizados em prol da comunidade negra e a Medalha Amigos da Polícia Militar do Estado da Bahia no 180 anos da corporação (2005). Atualmente é Assessora Especial do Secretário da Assistência Social do Governo do Estado da Bahia.

23. Desembargadora Neuza Maria Alves

Nascida em Salvador (BA), numa comunidade pobre do bairro do Tororó, enfrentou todo tipo de dificuldade por ser mulher, negra, sem sobrenome importante, não reconhecida pelo pai — a quem viu poucas vezes até o seu quarto ano de vida. Teve sempre o apoio e o incentivo da mãe que, apesar de ser de poucas letras, tinha uma sabedoria invejável, principalmente no

que se refere à capacidade de superação dos obstáculos que os despossuídos enfrentam no dia-a-dia.

Frequentou escolas do bairro, estudou em colégios públicos desde as primeiras séries, diplomou-se como professora primária e, logo em seguida, ousou tentar o exame de vestibular pela Universidade Federal da Bahia. Logrando êxito, cursou a Faculdade de Direito onde se destacou pelo melhor aproveitamento e também pelo bom humor e cordialidade no trato com colegas e professores.

Neuza Maria Alvez exerceu a advocacia durante treze anos, dentre os quais, cinco numa empresa de Consultoria Tributária e mais de oito no Contencioso da Rede Ferroviária Federal.

Aprovada em primeiro lugar para o cargo de Juíza do Trabalho, ficou ali apenas dez meses, em virtude de ter sido, no mesmo ano, aprovada no concurso público de provas e títulos para o cargo de Juíza Federal. Assumiu a magistratura federal em agosto de 1988 e lá exerceu cargos com dedicação e desvelo, sendo reconhecida por todos.

Foi titular da 8º Vara e também de 5º Vara, foi Diretora do Foro da Seção Judiciária da Bahia, Juíza do Tribunal Regional Eleitoral – TRE/BA, foi membro da Turma Recursal do Juizado Especial Federal/BA, conquistando, nessa trajetória, uma legião de amigos, a ponto de ser aclamada madrinha do Coral da Justiça Federal, pelo apoio incontestável que prestou àquele grupo.

Teve atuação destacada como Delegada da Associação dos Juízes Federais do Brasil (AJUFE), Seção da Bahia, bem como junto ao Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher – CDDM/BA -, durante dois anos, na condição de Vice-Presidente daquele organismo, em sua primeira composição.

Cursou especialização em Direito Processual junto à Fundação Faculdade de Direito do Estado da Bahia e em Direitos Humanos pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), em convênio com a Escola do Ministério Público do Estado da Bahia.

Demonstra, com o seu currículo, uma preocupação constante com seu aperfeiçoamento técnico, sem descuidar de sua participação política e social no momento permitido por sua profissão, haja vista estar engajada nas discussões das questões que dizem respeito à problemática da mulher e do negro, sua inclusão na sociedade, o resgate de sua plena cidadania, a conquista de novos direitos e a manutenção de todas essas conquistas.

Doutora Neuza faz questão de atender aos chamados para proferir palestras nos eventos dos grupos sociais organizados em defesa dos direitos do cidadão, levando a todos o seu exemplo de determinação, de coragem, de disciplina, além de deixar sempre patente que é a sua fé a sua mola propulsora.

Promovida ao cargo de desembargadora federal junto ao Tribunal Regional Federal da Primeira Região, em 3 de dezembro de 2004, pelo critério de merecimento, foi alvo de destaque no noticiário nacional pela imprensa falada, escrita e televisada, sempre elogiada por sua postura e fidalguia no trato com os profissionais e servidores que a cercam.

Muito considerada e estimada por colegas advogados, procuradores e funcionários, mora em Brasília/DF, onde executa suas tarefas diárias com entusiasmo crescente. Primeira desembargadora negra da Bahia, o Ilê Aiyê a homenageou na Noite da Beleza Negra em 2004 com o troféu “Deusa do Ébano”.

24. Coronel aviador Narcélio Ramos Ribeiro

É o quarto filho de uma família de onze irmãos, sendo nove homens e duas mulheres. Viveu, até os 14 anos, em Jequié, onde realizou os cursos primários e grande parte do ginasial. Destacava-se por ser primeiro colocado da turma em quase todas as séries, tendo ganhado vários prêmios pelo desempenho escolar, no tempo em que a meritocracia era relevante.

Aos nove anos, foi trabalhar como ajudante de sapateiro. Nessa ocasião, já havia começado os problemas que levariam à separação de seus pais. Seu pai, um líder comunitário local, ampliou o número de famílias e filhos, o que resultou na incapacidade financeira de manter o sustento de todos.

Diante dessa situação e do comportamento agressivo do pai, os seus três irmãos mais velhos foram, um após outro, migrando para outras cidades como São Paulo e Salvador.

Aos doze anos, já era o filho mais velho que ainda morava com a mãe e seus irmãos menores, inclusive as duas irmãs. Na falta de recursos financeiros para adquirir alimentos, teve que abandonar os estudos, pois precisava trabalhar em período integral, a fim de ajudar a mãe no sustento da casa.

Aos quatorze anos, migrou para Salvador em busca de oportunidades e de melhor condição de vida. Nessa ocasião, voltou a estudar no ICEIA, pois morava no Barbalho.

Aos quinze anos, viu a separação de seus pais se consumar. Sua mãe e os demais irmãos migraram para Salvador. Tornou-se, assim, arrimo de família, tendo que trabalhar de dia e estudar à noite para ajudar na criação dos irmãos menores.

VIDA ADULTA

Aos 18 anos, realizou concurso para a Escola de Aprendiz de Marinheiro de Salvador. A escola foi desativada abrupta-

mente e todos os 240 jovens aprovados no concurso foram enviados para Recife (em maio de 1973), onde funcionava uma outra escola de aprendiz de marinheiro. Realizou o referido curso num período de um ano e dois meses, classificando-se em primeiro lugar.

Em agosto de 1974, foi transferido para o Rio de Janeiro, onde concluiu o segundo grau. Embora fosse militar da Marinha, sua condição de primeiro colocado o permitiu escolher o local de trabalho, e, dessa forma, preferiu não embarcar em navios e escolheu um quartel sediado próximo ao cais, pois queria estudar, ao invés de viajar e conhecer o mundo.

Em 1976, foi aprovado no vestibular para Engenharia na UERJ, tendo realizado dois semestres desse curso, quando, então, realizou concurso de vestibular para o Curso de Oficiais da Marinha, da Aeronáutica e de Administrador Postal. Foi aprovado em todos eles, sendo que na Aeronáutica conseguiu se classificar entre 40 num total de 22 mil concorrentes em todo o Brasil. Optou pelo Curso de Formação de Oficiais Aviadores da Aeronáutica e em 1977 foi para Pirassununga, onde realizou o referido curso (equivalente à parte básica dos cursos de Engenharia) e a parte prática de pilotagem de aeronave de combate.

Formou-se em dezembro de 1980, sendo transferido para Natal, onde realizou o estágio de pilotos de combate. Na passagem por Salvador, conheceu e se apaixonou por uma baiana do bairro da Soledade, com a qual casou-se em 1983.

Nesse ínterim, continuava a ajudar a sua mãe e irmãos que ficaram morando em Salvador.

Em 1982, foi classificado para trabalhar no Primeiro do Sétimo Grupo de Aviação, localizado na Base Aérea de Salvador. Volta a morar com a sua mãe e irmãos.

Condecorado com sete medalhas, uma Comenda da Câmara Municipal de Jequié, 16 artigos publicados em diversas revistas especializadas, várias pós-graduações, o comandante Aviador Narcélio Ribeiro, dentre as dezenas de cursos realizados na Inglaterra, Canadá e Estados Unidos, possui a mais alta operacionalidade em Aviação de Patrulha, com 2.800 horas de voo.

“Em 2004, após ter assumido o cargo de Comandante da Base Aérea de Salvador, tive um dos momentos mais marcantes da minha vida, pois recebi, na Base Aérea, a visita de um grupo de negros importantes que ocupam espaço de poder político, social e econômico de nossa sociedade.

Realizei uma palestra para o grupo sobre os vários serviços que a Força Aérea presta para a nação brasileira. Ao término da apresentação um deles me indagou: 'Coronel Narcélio! Após sua brilhante palestra, nós gostaríamos de saber quem é o Coronel Narcélio Ramos? Qual foi a sua trajetória como uma pessoa negra? O que você fez até aqui para ser Comandante da Base Aérea? Quais as dificuldades encontradas nessa trajetória como Oficial negro da Aeronáutica?'

Nesse instante, a minha reação foi surpreendente para mim. Eu chorei. Eu já tinha 49 anos e a última vez que havia chorado foi aos 15 anos, quando meus pais se separaram. Só então é que me dei conta de que aquele não era um encontro qualquer. As pessoas que constituíam aquele grupo eram negras e nós tínhamos um passado parecido, trajetórias de vida e de luta semelhantes.

Ao longo da minha vida, como piloto e cidadão, participei, presenciei e vivenciei inúmeros fatos diferentes, mas nunca havia estado frente a frente com o meu passado, com um grupo que tinha as mesmas histórias de labuta, de di-

ficuldades e de superação que eu tive. Nós, negros, somos assim: temos histórias muito parecidas. Por isso eu chorei.

Quando um negro tem que falar da trajetória de vida dele, invariavelmente, ele irá retratar a história de todo um segmento social (etnia) ou parte dele, de gerações que nunca tiveram, anteriormente, políticas afirmativas (todas as outras etnias tiveram), de pessoas que dormiam e dormem ainda em esteira de palha (eu dormi), que comiam ou comem farinha com açúcar na única refeição do dia (eu comi) e isso, quando colocada face a face (aquele grupo era e é a minha etnia, o meu passado e o meu presente), faz qualquer negro durão chorar.”

25. Coronel Santana – Comandante geral da Polícia Militar da Bahia

Antônio Jorge Ribeiro de Santana, nascido em 10 de maio de 1952, natural de São Sebastião do Passé, mais precisamente do Distrito de Maracangalha/BA, ainda jovem, veio a Salvador, passando a residir no bairro da Massaranduba, iniciando os estudos no Colégio da Polícia Militar da Bahia.

Em 1973, concluiu o Curso de Formação de Oficiais na Academia de Polícia Militar da Bahia; em 1996, concluiu o Curso Superior de Polícia na Escola de Administração da UFBA. Nesse intervalo de tempo, realizou diversos outros cursos, a exemplo do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, em Minas Gerais, e o de Administração de Recursos Transferidos, na Escola de Administração Fazendária da Universidade Federal da Bahia, dentre outros. Os diversos cursos e cargos, aliados à sua postura moral e profissional, o credenciaram a ocupar o honroso cargo de Comandante Geral da Polícia Militar da Bahia, que vem exercendo com

muito equilíbrio, competência e firmeza desde 7 de janeiro de 2003. É pessoa admirada por seus colegas de farda, principalmente por sua lealdade e forma simples no trato diário. Como bom baiano, é amante da Capoeira e pratica o hábito da leitura diária. Em 1996, quando Comandante do Lamento da Capital, o Coronel Antônio Jorge de Santana foi um das principais operacionalizadores do Projeto Polícia Cidadã, iniciado pioneiramente nesta cidade do Salvador e aplaudido por toda a população. A partir do seu atual Comando, o Projeto Polícia Cidadã foi revitalizado, se estendendo a diversos outros municípios da Bahia.

O Coronel Antônio Jorge Ribeiro de Santana foi agraciado com as medalhas do Mérito Policial Militar da Bahia, do Piauí, de Sergipe, de Alagoas e de Goiás, do Mérito Marechal Argolo e Conselheiro Almeida Couto da Polícia Militar da Bahia, além da Medalha do Pacificador do Exército Brasileiro, Medalha Tiradentes, da Polícia Militar do Amazonas e do Pará, dentre outras.

26. José Carlos Veneranda – vice-prefeito de Fortaleza

José Carlos Veneranda é um homem de luta comunitária, associativa e sindical desde tenra idade quando, junto a seu pai, senhor Alcides, que foi presidente de associações de moradores de vários bairros de Recife, cobrava do poder público serviços essenciais de qualidade.

Quando aluno da Escola Técnica Federal de Pernambuco (1975), foi eleito orador do Grêmio estudantil da escola.

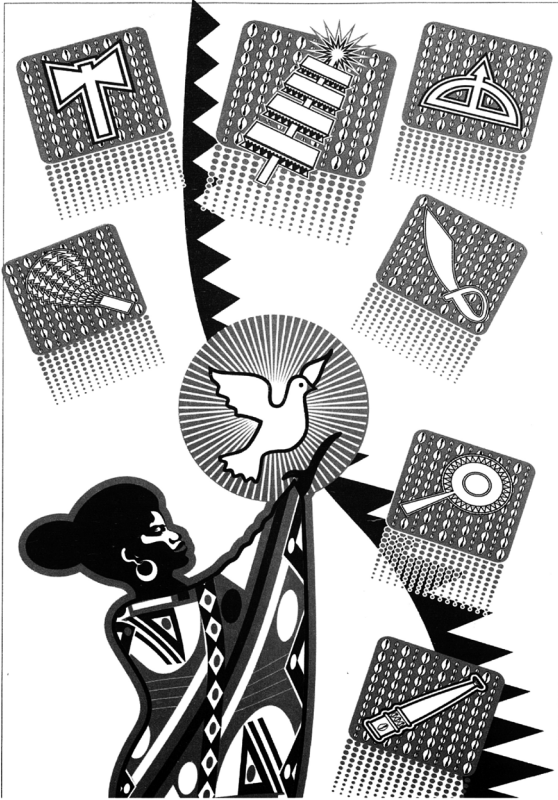
Nasceu no dia 20 de julho de 1954, em Recife, estado de Pernambuco, e depois de frequentar escolas públicas e cursar a Escola Técnica Federal de Pernambuco, ingressou,

em 1978, na Companhia Hidro-Elétrica do Vale do São Francisco (Chesf), em Recife, na função de técnico de nível médio, lotado na Diretoria de Construção. Em novembro de 1985, casa-se com a cearense Sislaine Dias Simões da Silva, com quem tem três filhos: Bianca, Guilherme e Gustavo.

José Carlos Veneranda esteve sempre presente nos grandes movimentos sindicais ao lado dos eletricitários. Transferido para a Chesf/ Fortaleza em 1989, logo inicia sua atuação no movimento sindical cearense como diretor liberado do SINDELETRO no período de 1995 a 2004. Participou intensamente das lutas em defesa da estatal Coelce e contra a privatização da Chesf, tendo sido eleito Diretor do Conselho Deliberativo da Fundação Fachesf em 2002.

Concorreu a uma cadeira na Câmara Municipal de Fortaleza pelo PSB, em 2000, e foi eleito Vice-Prefeito de Fortaleza em 2004 na coligação PT/ PSB.

Como Vice-Prefeito da Capital cearense, vem dedicando especial atenção aos problemas da cidade, com especial foco na questão da igualdade racial e ajudando, na sua esfera de competência, a prefeita Luizianne Lins a desenvolver o projeto que traçou para tornar Fortaleza uma cidade limpa, saudável, solidária e bela, onde todos os cidadãos sejam tratados igualitariamente, com respeito e dignidade.



1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Atividades de fixação da aprendizagem

Ana Célia da Silva

* Ana Célia da Silva é doutora em Educação pela UFBA, professor da Uneb e educadora do PRO do Ilê Aiyê

atividade

1. ENCONTRE A PALAVRA:

Primeiro grande chefe de Palmares
Primeiro presidente da África do Sul
Secretário Geral das Nações Unidas
Atual presidente da África do Sul
"ANA CELIA DA SILVA"

B G A N G A Z U M B A K A B C O I O U
C O I N B E N E L S O N M A N D E L A U O
T R O F I P O A N N A N I J X L O M U I A D
C O L A O T U V U I S T E V E B I K P K V D
T A Z V U I T H A B O M B E K I A T O I A X

2. Complete as frases:

_____ nasceu em Franca, interior de São Paulo. É o mais antigo líder negro brasileiro. Fundou o TEM, o jornal Quilombo e foi senador da república.

Nordestino, afro-brasileiro, operário

_____ é o primeiro presidente do Brasil a instituir e implementar políticas de ação afirmativa para os negros e a colocar ministros negros no seu governo.

atividade

3. Numere a resposta correta:

- | | |
|---------------------------|----------------|
| (1) filha de Obaluaiê | () Mãe Stella |
| (2) filha de Oxossi | () Mãe Hilda |
| (3) Iyalorixá Jitolu | () Mãe Stella |
| (4) pertence à nação Ketu | () Mãe Hilda |
| (5) pertence à nação Jêje | () Mãe Stella |
| (6) caboclo Tupiassu | () Mãe Hilda |
| (7) não cultua caboclo | () Mãe Stella |

4. Numere a resposta correta:

- | | |
|--------------------------------------|---|
| (1) Cacunda de Iaiá | () Digina de Mãe Hilda |
| (2) Jitolu | () terreiro de origem religiosa de Mãe Hilda |
| (3) Digina de Mãe Stella | () Ilê Axé Opô Afonjá |
| (4) Terreiro dirigido por Mãe Stella | () Ode Kayodê |
| (5) Mãe Stella e Mãe Hilda | () Indicadas ao prêmio Nobel da Paz |

atividade

5. Caça palavras

- a) Fundador do 1º bloco afro do Brasil e coordenador do carnaval de Salvador em 1996.
- b) Primeiro e único prefeito negro de Salvador.
- c) Primeira ministra negra do Brasil.
- d) Operário, fundador do MNU, deputado federal pelo PT.
- e) Deputado estadual pelo PT, líder do Movimento dos Sem Terra (MST).

CBANTONIOCARLOSVOVÔACI
DOFIOTPZXEDIVALDOBRITOAP
PDMATILDERIBEIROKWTUAOCI
PXLUIZALBERTOKLUIXTAZOYP
IAOTZAIVALMIRASSUNÇAOPW

atividade

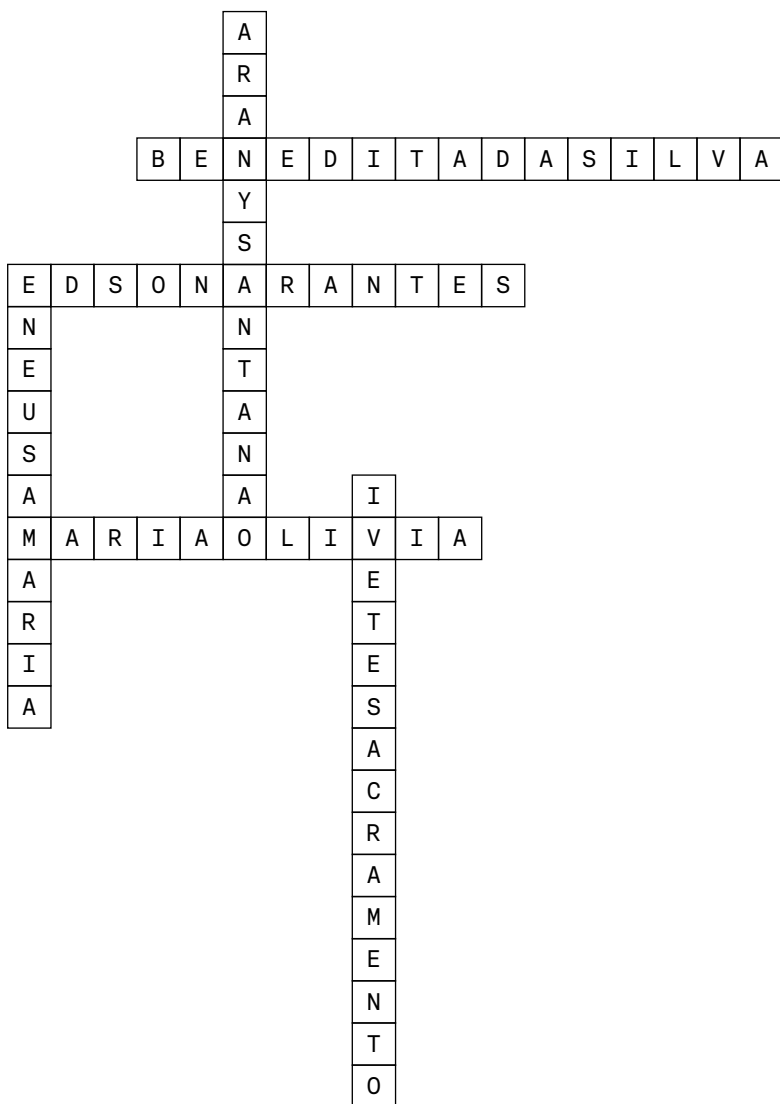
6. Interprete as seguintes frases:

- a) "A Bahia já me deu régua e compasso" (Gilberto Gil).
- b) " O preconceito, ele só não é maior, porque não está escrito na testa das pessoas" (Luís Inácio Lula da Silva).
- c) O negro e o poder - "se o poder é bom, eu também quero o poder" (Nethio Benguela).

7. Encontre os nomes na cruzadinha:

- a) Primeira Secretária Municipal da Educação negra
- b) Maior jogador do mundo
- c) Vereadora, Deputada Federal, Senadora, Governadora do Rio de Janeiro
- d) Atual Secretário Municipal da Reparação
- e) Primeira Reitora negra do Brasil
- f) Primeira Secretária Municipal da Reparação, "a voz" do Ilê Aiyê.
- g) Primeira Desembargadora negra da Bahia.

atividade



1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Antologia de música negra do Ilê Aiyê

Negro alegre

(Joel Nascimento e Aldo Nascimento)

Deus santo
É um negro alegre
Que veio do parto
Da mãe África
Ritmando o que vem do infinito
Encantando o nosso paraíso
Sou Ilê Aiyê
Faço parte dessa história
Sou um negro lindo
Deriva de Angola
Ilê Aiyê
Riqueza da Raça Humana
Ilê Aiyê
soberana
Liberdade é a minha
Curuzu é a minha ala
Senzala do Barro Preto
Onde tudo começou
Canta forte, canta negro
Ilê Aiyê se consagrou

Chão sagrado

(Marito Lima – Milton Boquinha – Roberto Moura)

A minha pele é negra
Tenho orgulho de dizer
Sou do Curuzu
Sou Liberdade
Sou do bloco Ilê Aiyê
Abri as portas pro mundo
Sou de descendência africana
Respeito a minha ancestralidade
De Zumbi a Mandela
Grandes guerreiros desigualdade
O mundo não quer desigualdade, não
Pra vivermos como irmãos
Esse chão sagrado
É barro massapé
Se chover escorrega
Se segura no Ilê
Pode pisar
Pisa, pisa então pode pisar
Que esse chão é meu
Pisa, pisa então pode pisar
Ele também é seu

Minha caminhada

(Jocy Lee – Silvio Almeida – Davizinha)

Vou na direção do vento
Eu não perco tempo, vou te procurar
Ando pelo mundo afora
E não vejo a hora de te encontrar
De manhã, à tarde, à noite
No sereno, na madrugada
Sob a chuva de açoite
Eu vou seguindo minha caminhada
E quando te encontrar
Prometo não mais te perder
Eu juro que não vou ficar
Nem mais um minuto longe de você Ilê
Quando essa banda tocar
E esse chão balançar
Não vou esperar pra ver
Eu quero, quero, quero com você estar
Eu quero, quero, quero estar com você
Eu quero, quero, quero com você estar
Eu quero estar contigo no Ilê Aiyê

Força afro brasileira

(Marquinhos Marques – Jorge Garcia – Ed Junior)

Iyalorixá maior
Zeladora da crença, candomblé
Mãe Hilda Jitolu, guerreira
Mãe Stela de Oxossi, guerreira
Arany a força da negra afro-brasileira
Que amamentam os filhos na labuta seu suor e sangue
Mas não se rendem, mas não se vendem
Nunca, nunca jamais
Ogum mandou avisar
Oxossi mandou me dizer
Não há vitória quando a luta não é justa
Não há, não há
Sempre foram injustos conosco
Se o poder é bom eu quero
Abdias tem o poder
Se o poder é bom eu quero
Rei Pelé também tem poder
Se o poder é bom eu quero
O Ilê Aiyê tem poder
Se o poder é bom eu quero
Vovô também tem poder
Ogum mandou avisar
Oxossi mandou me dizer
Não há vitória quando a luta não é justa
Não há, não há
Sempre foram injustos conosco
Se o poder é bom eu quero
Luiz Inácio tem o poder
Se o poder é bom eu quero
Gilberto Gil também tem poder
Se o poder é bom eu quero
Nelson Mandela tem poder
Se o poder é bom eu quero
Kofi Annan também tem poder

O movimento

(Dico e Jajai)

O Ilê Aiyê traz no seu tema o negro e o poder
Para nos conscientizar que podemos vencer
A luta contra essa discriminação
Vem destacando personalidades
De uma sociedade tradicional
Que conquistou sua dignidade
Apesar do preconceito racial
Vovô nos conta que Zumbi e Gangazumba é a inspiração
Pra liderar com determinação
Mãe Hilda Jitolu vem nos abençoar
Seguindo a tradição
Mãe Stella orienta a comunidade
Para ir em busca da felicidade
É preciso ter coragem no seu caminhar
Gilberto Gil cantou o negro em versos e poesias
Com muito orgulho nasceu na Bahia
E hoje é ministro da nossa nação
Luíz Inácio, um sindicalista chega a presidente
Renova a esperança de toda essa gente
Que só quer liberdade de opinião
Nosso Pelé deu muita alegria ao povo brasileiro
Fazendo gol por esse mundo inteiro
E é considerado o rei do futebol
Edvaldo Brito, Luiz Alberto, Ivete Sacramento
Estamos juntos nesse movimento
Para o povo negro então viver melhor
Thabo Mbeki recorda
Que Steve Biko ficou na história
Nelson Mandela está na memória
A África do Sul jamais se esquecerá
Kofi Annan sabedoria e ancestralidade
Levando a paz para a humanidade
O Ilê Aiyê vem homenagear
O negro canta, o negro dança, o negro ginga
Tambores soam é bonito de se ver
Toda essa graça que engrandece raça
Está na simpatia do Ilê Aiyê

Afirmação ao poder

(Roberto Cruz – Jucka Maneiro – Sandoval)

Longa trajetória
Descortinando a história
Um marco de luta, um fato real
Hoje somos referência
Negros em evidência
Capacitados, político-cultural
Desde Gangazumba, em Palmares
A Nelson Mandela
A afirmação ao poder
Minha cidade eu quero ela
Personalizados
Sobreviventes nessa meta
No processo de escrita
Reescrita é a história dessa terra
Eu quero ela
O poder dessa cidade bela
Quem me dera Odara...
Sábias serão minhas idéias
Sócio-educativa, cultural Ilê Aiyê...
Exemplo, igualdade pra vida
Pomba voa, paz na terra Kofi Annan que o diga
Somos nós
Celebidades negras vivas
Hilda Jitolu, Stela Oxossi Abdias, Inácio, Brito, Gil
Sacramento, Alberto, Gilmar, Olívia
Benedita, Edson Arantes Matilde, Marcelio, Neuza Santana
Venereda, Assunção e Antonio Carlos
O nosso quilombola
Eu quero ela
O poder dessa cidade bela
Quem me dera Odara...

Diferentes, mas iguais

(Mário Pam e Sandro Teles)

Elevar a auto estima é a sua missão
Consciência negra é a sua sina
Fabricando interlocutores de cidadania
Mostrando pra o mundo desigual a covardia
Consciência é o fruto da nossa vitória, irmão
O futuro é nosso com certeza
Cantaremos em prosas e versos essa nossa ascensão
Com a força que emana da raça e o poder da canção
Êa Ilê
Êa Êa Ilê
Êa Êa Ilê
Ilê Aiyê
Zumbi...
É o reflexo da nossa luta irmão
Revela o poder da resistência
E o Ilê vem mostrando a força dos seus ideais
Ao clamar que somos diferentes, mas iguais.

bibliografia

- Azevedo, Stella. *Meu Tempo é Agora*. SP: Ed. Odu-
duwa, 1993.
- Benson, Mary. *Nelson Mandela - O homem e o mo-
vimento*. SP: Editora Brasiliense, 1987.
- Biko, Steve. *Escrevo o que EU quero*. SP: Editora
Ática, 1990.
- Carvalho, Rosa Margarida de. *Almanaque pedagó-
gico afro-brasileiro. Uma proposta de intervenção
pedagógica na superação do racismo no cotidiano
escolar*. Belo Horizonte. Mazza edições, 2004-2005.
- Nascimento, Abdias (org.). *O Negro Revoltado*. RJ:
Nova Fronteira, 1982.
- Romão, Jeruse (org.). *História da Educação do
Negro e outras histórias. Secretaria de Educação
Continuada, Alfabetização e Diversidade*. Brasília:
Ministério da Educação, 2005 (Coleção Educação
para todos).

bibliografia

Santos, Hilda Dias. *A História da minha vida*. Salvador: Ilê Aiyê/Câmara Municipal de Salvador, 1996.

Lei 10693/03. *Educação das Relações Étnico-Raciais para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Fundamental*. Pasta de textos da Professora e do Professor. SMEC Secretaria Municipal da Educação e Cultura. Salvador, 2006.

Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Educação. Exercitando a definição de conteúdos e metodologias. CEERT. SP, 2006.

Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal 10693/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005 (Coleção Educação Para Todos).

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 14 – O Negro e o Poder

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho • Dário da Páscoa • Jonatas Conceição da Silva • Hildete Valdevina dos Santos Lima • Edson Tobias de Matos • Wilson Batista dos Santos • Osvalrízio do Espírito Santo • Edmilson Lopes das Neves • Roberto dos Santos Rodrigues • Paulo Raimundo Ferreira Bonfim (*in memoriam*) • Arany Santana Neves Santos • Elizete Matos dos Santos • José Carlos dos Santos • Maria de Lourdes Siqueira • Vivaldo Benvindo dos Santos • Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Oduvaldo de Jesus Santos (*in memoriam*)

Coordenação Pedagógica: Jônatas Conceição da Silva **Pesquisa e Textos:** Maria de Lourdes Siqueira • Jônatas Conceição • Arany Santana • aniela Luciana • Lindinalva Barbosa **Capa**

e Ilustrações: Mundão **Educadores:** Ana Célia da Silva • Jaime Sodré • Durvalina Cerqueira • Edmilson da Mota • Jô Guimarães • Sandro Teles • Iara da Silva Magalhães • Hildelice Benta dos Santos • Eliete Matos dos Santos • Valdina Pinto • Jorge Conceição • Lindinalva Barbosa • Maria de Lourdes Siqueira • Isabelle Sanches • Lícia Barbosa • Dete Lima • Jaguaracira Andrade Santos • Daniela Pereira Barbosa • Railda Barbosa Costa **Produção:** Via Direta Comunicação **Editores e Diagramação:** Helida Rocha **Impressão:** Vênture

End. Rua do
Curuzu, 228,
Liberdade
CEP 40365 000



PROexc
PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

UFB
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

 **PALMARES**
FUNDAÇÃO CULTURAL

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

**MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO